

HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

CONTOS DE TERROR

VOLUME IV



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS

Traição e eternidade, por Carla Di Mancuso, pág. 05
O jardim da casa verde, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 10
(Des)apagada, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 13
Vermelha por dentro e por fora, por David Saches, pág. 16
Íncubo, por Denis Leandro Carvalho Fioravante, pág. 22
A promessa de Adamastor, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 29
Caminhos perigosos, por Hélio Sena, pág. 35
Os três cômodos de Abel, por José de Sousa Magalhães, pág. 40
Ação e reação, por Luciano Kendzierski, pág. 46
Canto 2.0, por Luciano Kendzierski, pág. 51
O capa preta, por Marlon Ribeiro, pág. 57
O trote, por Neuba Maria da Silva, pág. 65
Aquele que caça, por Ney Alencar, pág. 67
O uivo, por Ney Alencar, pág. 73
O caminhoneiro, por Raphael Rodrigo, pág. 79
O ônibus quebrado, por Raphael Rodrigo, 84
Pesadelo real, por Roberto Minadeo, pág. 89
Seguir em frente, por Roberto Schima, pág. 94
Caça e carcaça, por Tatiana Araújo, pág. 102
Conheça outros títulos da coleção, pág. 107

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



"Durante todo aquele triste, escuro e silencioso dia outonal, com o céu encoberto por nuvens baixas e opressivas, estive percorrendo sozinho, a cavalo, uma região rural singularmente deserta, até que enfim avistei, com as primeiras sombras da noite, a melancólica Casa de Usher. Não sei por quê, mas, assim que entrevi a construção, um sentimento de intolerável tristeza apoderou-se de meu espírito. Digo intolerável porque essa impressão não era suavizada por qualquer sensação meio prazenteira, porque poética, com que a mente geralmente recebe até mesmo as mais sombrias imagens naturais de desolação e de terror."

A queda da casa de Usher - Edgar Allan Poe



APRESENTAMOS O CONTO

TRAIÇÃO E ETERNIDADE

POR CARLA DI MANCUSO

Sobre a autora: Paulistana, graduada em Jornalismo, exerceu o cargo de Assessora de Imprensa em uma entidade de classe. Trabalhou redigindo textos jornalísticos, mas seu sonho, desde criança, era contar e escrever histórias.

Concluiu diversos cursos ligados à escrita criativa, ministrados pelo escritor e mentor Ricardo Souza.

Mas foi com o curso Método Escritores de Sucesso e o incentivo de seu mentor que desenvolveu a inspiração para escrever contos.

A escuridão da noite envolveu meu corpo no vazio da solidão. Deitei na cama, segurando as minhas pernas em posição fetal, precisava me aquecer. Eu estava presa numa cela, sentindo-me frágil e novamente o passado voltou a remoer meus pensamentos.

Roger trabalhava como músico no bar, onde fui comemorar meu aniversário com Bia, minha amiga de infância, praticamente, uma irmã. Naquela noite, eu usava um vestido vermelho, de fendas laterais e ao entrar, deslizei os dedos pelos meus longos cabelos, jogando-os para trás, isso sempre surtia um especial efeito. Roger, do palco, olhou-me e sorrímos um para o outro, a nossa conexão foi instantânea.

— Parece que você ganhou outro presente. O cantor gostou de você — disse Bia, com olhar malicioso.

Ele tinha uma aparência desleixada, barba por fazer, cabelos despenteados, usava uma camiseta branca e um jeans surrado. Aquela displicência com a promessa de aventura, seduziu-me e passei a desejar aquele homem.

Eu e Bia frequentávamos o bar pelo menos 3 vezes na semana para assistirmos às apresentações dele. Ao final do espetáculo, ele sentava-se à nossa mesa e contava-nos divertidas histórias. Na primeira oportunidade, convidei-o para cantar num evento em minha casa e nesse dia, começamos um relacionamento cheio de paixão. Depois de três meses, ele foi morar comigo. Roger continuou a trabalhar na noite, eu bancava as despesas e ele não se importou de ser sustentado por mim.

Bia estava sempre conosco e aos finais de semana, dormia em minha casa. Num dado momento, reparei no avanço da intimidade entre eles, recheado de olhares sutis e um velado jogo de sedução que me despertou desconfianças. Passei a observá-los, atenta a cada detalhe.

A dúvida consumia os meus neurônios, por isso contratei um detetive. Escolhi um profissional que me garantiu descobrir tudo. Aguardei ansiosamente, mas depois de duas semanas, não havia indícios da traição. Para dar um basta, resolvi planejar uma cilada. Organizei um jantar e convidei os amigos íntimos.

Durante o jantar, sentados à mesa, onde era possível espreitar os semblantes de todos, comuniquei que faria uma viagem para participar de um importante projeto da empresa, ficaria ausente por 3 dias. Bia e Roger se entreolharam, então, ela levantou um

brinde ao meu sucesso profissional e sorriu sensualmente para ele, que retribuiu com uma disfarçada piscada de olho.

Na manhã da viagem, despedi-me de Roger e fui hospedar-me num hotel afastado. À tarde, liguei para o detetive e solicitei que fosse comigo, espiar a minha casa. Se houvesse um flagrante, eu não queria estar sozinha. Edu, o detetive veio preparado para fotografar. Ficamos escondidos no carro dele a poucos metros da minha residência.

Era o dia de folga de Roger. Olhei para o relógio, oito horas da noite, estávamos em campana há duas horas e nada aconteceu, apenas víamos o perfil dele circulando pela casa. Comecei a achar-me ridícula, insensata, estava claro que tudo era fruto da minha perversa imaginação.

Enquanto a razão clamava para que eu desistisse, um carro deixou uma mulher na porta da casa, ela tocou a campainha e ele acenou pela janela. Eu a vi de longe, estava escuro, mas tive a certeza de que era Bia. Imediatamente, meu sangue ferveu, senti falta de ar e o coração acelerou.

— Os ratos foram atraídos pelo queijo, agora falta pouco para prendê-los na ratoeira — disse-me Edu.

Era exatamente isso, dois ratos, pensei. Eu tinha que manter a calma para levar o plano adiante, mas as minhas têmporas latejavam, prestes a explodir.

Não demorou muito um entregador de pizzas chegou e eu vi Roger pagar pela encomenda. Comeriam, degustando o meu vinho e se entregariam à luxúria na minha cama, deduzi irritada.

Passada algumas horas, Edu convidou-me para entrarmos e sugeriu que fôssemos pelos fundos da casa. Circundamos o jardim e entramos pela porta da cozinha. Estava escuro, mas vimos pratos e copos empilhados na pia, em cima da mesa, a caixa da pizza.

Edu foi andando à frente com cautela. Atravessamos a sala e cuidadosamente começamos a subir a escada que levava ao corredor dos quartos. O último degrau rangeu, paramos cautelosos, mas tudo permaneceu em silêncio. A porta estava aberta e o quarto principal à meia luz.

Ouvi gemidos, ela balbuciava palavras abafadas. Não havia mais dúvidas, por um momento hesitei, o que viria a seguir era o pior momento da minha vida, mas Edu fez sinal

para que eu entrasse. Entrei devagar, parei a um metro da minha cama e vi os dois, completamente nus, envolvidos pelo prazer que emanava de seus corpos ardentes. No criado mudo, duas taças e uma garrafa vazia de vinho mergulhada no balde de gelo. Havia roupas, minhas e deles, espalhadas pelo chão.

Quando notaram a nossa presença, permaneceram paralisados por alguns segundos. Então, Roger jogou Bia para fora da cama, como quem se livra de um saco de roupas sujas e tentou justificar-se:

— Essa mulher é um demônio, vive se insinuando, caçoando de minha masculinidade. Eu só quis dar a ela, o que desejava para depois livrar-me do seu assédio maldito — dizia ele, desesperado.

Por um momento, acreditei que fosse uma alucinação, mas a voz de Roger deu-me a certeza de que era real.

— É uma vadia asquerosa. Um pano de chão que se esfrega em qualquer lugar — continuava humilhando-a, como se isso o isentasse de qualquer envolvimento com o caso.

Bia levantou-se do chão, o corpo tremendo, cobriu-se com o lençol, sem dizer uma palavra, os olhos baixos evitavam encontrar os meus. Edu, acostumado àquela cena, fotografava tudo, sem o menor constrangimento. Para ele, eram provas.

O meu rancor extrapolou a razão, peguei a garrafa de vinho, bati com força na parede, investi contra Roger e antes que Edu conseguisse segurar-me, perfurei a carne do traidor com a ponta dos cacos da garrafa quebrada. Avistei Bia, em pânico, esgueirando-se pelos cantos. Atirei a garrafa nela, mas ela conseguiu desviar-se e escapou do quarto. Segundos depois, soou o alarme, com certeza ela o acionara, sabia como fazê-lo. A polícia chegou em seguida.

Naquela noite e nas seguintes, perdi o juízo, agredia as pessoas, com gestos e palavras pesadas. Fui detida por tentativa de homicídio e transferida para o hospital de custódia e tratamento psiquiátrico. A loucura tomou conta de mim.

Os dias eram todos iguais, enchiam-me de calmantes e eu passava a maior parte do tempo desacordada. A vida escureceu, mas o meu desgosto era não ter conseguido matar os desgraçados. A minha alma afundava no abismo, até que surgiu o alento.

Eu estava sentada num banco, quando alguém se aproximou, o sol estava intenso, cobri meus olhos para ver quem era e avistei o Edu.

— Você disse que pegaríamos os ratos, impediu-me de matá-lo e agora, estou aqui, confinada nesse lugar. — reclamei, mal-humorada.

— Se você tivesse matado o rato, a sua situação seria pior. Eu vou tirá-la daqui.

— Quando eu sair, mato os dois. — respondi, entredentes.

Mas Edu, com tranquilidade, deu-me uma sugestão que me confortou:

— Lívia, eu não faço isso, mas conheço pessoas que fazem. Você pode mandar caçar os ratos.

Sorri para ele e pela primeira vez, enxerguei o homem alto, bonito, cabelos e olhos pretos, transmitindo-me uma segurança que há muito não sentia.

Uma semana depois, o serviço estava feito. Roger morreu durante um assalto no bar que trabalhava e Bia sumiu sem deixar rastro. O advogado, indicado por Edu, alegou que eu agi sob forte emoção e o psiquiatra atestou que eu tinha condições de conviver em sociedade.

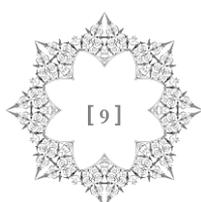
Saí do hospital e fui para casa pensando em Edu, seria interessante ter um relacionamento com ele. Abri a porta da sala, acendi as luzes, joguei a bolsa no sofá e subi as escadas. Eu precisava de um banho quente no meu chuveiro.

Entrei no quarto e senti um arrepio percorrer a minha espinha dorsal. Estava tudo em ordem, mas quando olhei para cama, vi Roger e Bia, deitados, sorrindo para mim. Edu mentiu, quando disse que eles estavam mortos, foi o que me ocorreu.

— Esperávamos por você. Jamais deixaríamos sozinha — disse Roger levantando-se e vindo na minha direção.

— Somos inseparáveis, lembra? — arrematou Bia, seguindo os movimentos dele.

Talvez eu estivesse louca, mas não desejava voltar para o hospital. Guardaria esse segredo até o fim da vida. Eles me abraçaram, eu senti seus corpos gelados, enrijecidos como mármore e tive a certeza de que ficaríamos juntos pela eternidade.



APRESENTAMOS O CONTO

O JARDIM DA CASA VERDE

POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA

Sobre os autores:

Cida Simka

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019), *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020) e *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021). Organizadora dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019), *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequemate, 2019), *Aquela casa* (Editora Verlidelas, 2020) e *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

Sérgio Simka

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais novo livro infantojuvenil se intitula *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021).

Sábado à tarde. Algum dia do mês de julho. Acomodei-me na cadeira azul, no quintal, ao lado do fiel companheiro de leitura, o Salame, um vira-lata que encontrei vagando por aí, há alguns anos. Não via a hora de iniciar minha sessão habitual de leitura e de ler o novo livro comprado recentemente: “Aquela Casa”, cuja sinopse me fisgara já nas primeiras linhas. Casa mais do que mal-assombrada, casa amaldiçoada, onde o Mal havia feito sua morada.

Prestes a ler o prólogo, após ter lido a contracapa e as orelhas, ouço minha mulher gritar de dentro de casa:

— Benhê, por acaso você viu a minha bolsa?

— Está em cima da mesa da cozinha, coloquei lá porque o Salame estava fuçando dentro dela.

Nem bem terminei de me expressar, Linda como que por encanto se materializou no batente da porta da sala e lançou um olhar fulminante para o pobre Salame, que se encolheu todo, pois fora descoberto.

— Seu cachorro sem-vergonha! — e entrou novamente.

Salame olhou para mim à procura de apoio.

— Muito feio o que você fez, Salame!

O cachorro pôs as patas em meio ao focinho e permaneceu deitado, amuado.

Voltei então a atenção ao livro. De repente, não sei o motivo, ergui os olhos para a construção abandonada à minha frente. Um sobrado verde muito antigo. Ainda se mantinha em pé em suas frágeis estruturas graças à ação gentil do tempo. O que sempre me chamava a atenção nele, além do fato de permanecer desocupado durante esses anos todos, consistia no jardim bem cuidado, que ornamentava a frente da residência. E o engraçado é que nunca me perguntei o porquê de o jardim receber tamanho cuidado, enquanto a construção permanecia entregue a seu próprio destino sombrio.

Quer dizer...

Não tenho vergonha de confessar que, o que na verdade havia me chamado a atenção, não fora o jardim bem cuidado e sim o vulto que julguei avistar em uma das janelas do andar de cima.

Permaneci com os olhos fixos na janela, aguardando que a imagem aparecesse novamente. Talvez tenha sido apenas minha imaginação.

Mas a minha imaginação me pregou nova peça. O vulto que eu havia visto abriu a janela, que dava para uma pequena varanda. Não pude alcançar sua fisionomia, acho que ele não tinha rosto.

E todo o meu corpo se enrijeceu quando, virando sua cabeça em minha direção, se jogou da sacada, caindo com um baque no jardim.

Fiquei de pé rapidamente e permaneci assim por alguns minutos, sem me mexer. Minha mulher me encontrou nessa posição, quando veio me perguntar algo. Perplexa, questionou:

— Benhê, o que aconteceu? Por que você está branco que nem um fantasma?

Suas palavras me fizeram voltar à realidade.

— Linda, você não vai acreditar. Um cara acabou de se jogar da sacada da casa, bem na minha frente.

Olhou-me entre a descrença e a zombaria.

— Como isso é possível se a casa vive abandonada?... Ah, já sei, você está brincando, né?

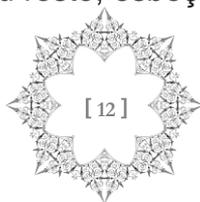
Antes que minha mulher pudesse dizer mais alguma coisa, saí que nem um louco e fui até a cerca da casa verde. Olhei para o jardim, à procura do corpo.

Salame se aproximou em seguida. Depois de observar, ganindo, voltou correndo.

Linda chegou esbaforida até mim. Antes de soltar um grito de terror, olhou para o corpo estirado no jardim.

Os olhos abertos e arregalados do cadáver fitavam os olhos azuis dela.

O rosto do morto, que era o meu rosto, esboçava um riso de deboche.



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful, multi-colored skirt, stands in a dark, misty forest at night. She holds a glowing lantern in her right hand. In the background, a rustic wooden cabin with a chimney is visible, partially obscured by the dense, dark trees. The overall atmosphere is mysterious and eerie.

APRESENTAMOS O CONTO

(DES) APAGADA

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

Sobre a autora: Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/-CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

O corpo dela se apagou, assim do nada. Como se uma borracha estivesse passado muito rapidamente sobre ele. Ele queria acreditar nisso, ele queria buscar explicações para dar à velha: era noite de lua cheia, de sexta-feira 13, era 31 de outubro, ela mulher, era bruxa... esses desvarios e devaneios nebulosos que acinzentam o coração medroso humano, para justificar a alma quando ela se encontra incertamente, enlutada.

Estacionou o carro em um posto de gasolina, mas se lembrou de que aquele era o terceiro em que parava para tentar se recompor. Não estava tão desnorteado quanto insistia em aparecer. Há medos verdadeiros, também quando são vistos pelos outros, pensava. Entretanto, o dele primeiro deveria ser sentido por ele, para depois os demais perceberem.

Um barulho estridente começou a ecoar da mala do carro. “Mas, não podia ser nada, ali não havia mais ninguém”. Despertou da própria realidade, quando o frentista veio atendê-lo, ignorou o homem, acelerou e partiu. Deu voltas e voltas pelas ruas da cidade, procurando esquecer o que fez. Não queria voltar para casa, não aquelas altas horas da noite. A mãe dela estaria sentada, a olhar para o céu. E perguntaria sobre ela. Outras vezes insistiriam em ouvir sobre o corpo dela que não viria com ele. Porque nos últimos anos, eles eram apenas corpos.

Passadas algumas horas do passeio noturno, uma brisa em sombra fêmea passou pelo retrovisor. Sentiu um espanto ao embriagar-se com o perfume de flor reconhecida, agora defunta. Parou em meio a uma estrada iluminada por outros brilhos passageiros e relâmpagos.

O porta-mala estava aberto. O anel dela e o celular ainda estavam lá. Agora, o inconsciente do homem veio à tona, ele sabia o que consciente fez, entretanto, diante do que agora, consciente via não acreditava naquelas duas imagens daqueles dois objetos, algumas horas atrás daquela mesma noite, tirados por ele mesmo e jogados ao mar, em outra ponta da cidade.

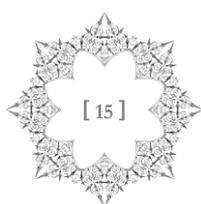
Afastou-se do carro, ao movimento que alguém ligava o motor para partir, e não era ele. A porta aberta batia no abrir-fechar como se propositalmente estivesse criando um diálogo sombrio com ele. Suas pernas gritavam anunciando que iam correr. O seu coração saltitava do peito como se quisesse competir em uma corrida com as pernas. Seus olhos fixaram em seu rosto quando a viram ali.

Seu corpo riscado. Atropelado por ele, horas antes. Ele não deu chance nem dela recitar a Ismália que da sua torre, ela também iria cair, somente forçada a ser jogada ao mar. Agora, passos lentos e leves nela. Ela flutuava em sua direção. Não deu tempo, de ele correr. Tropeçou em flores que estavam à beira de uma das pontas das serras, daquela estrada.

As pedras não abraçaram seu corpo. As estrelas assistiam a tudo aquilo, na plateia lá do céu. As ondas-irmãs enfureceram-se ao sentir aquele corpo macho caindo sobre elas, recusaram-se em acolhê-lo vendo o que ele havia feito outrora com o corpo mulher da outra irmã. As piranhas se contentaram, amordaçaram aquele corpo para que ele não jogasse mais ao mar, nenhum corpo de outra irmã.

Não se sabe se elas, piranhas, ondas ou Sereias estavam mais furiosas com o incomodado ser, agora tropeçado e caído da outra ponta do mar da cidade. Mas, elas não perdoaram o primeiro corpo jogado ensanguentado no mar pelo comecinho da noite. Depois de um tempo, elas se acomodaram, para ver a lua que chegava – bem cheia, iluminando mais ainda o céu. Era então, hora de receber mais uma irmã, apagada na Terra. Então, ela soube sentir o que Ismália não sentiu, seu corpo subiu aos céus.

Pela manhã, a mãe acordou olhando pela janela, o coração aflito durante a noite, aquietava-se... levantou-se e ligou a TV. No noticiário da manhã, dois corpos encontrados à beira mar em duas extremidades da cidade. Um era o corpo da filha, perfurado ainda. E outro o do genro, desconfigurado, irreconhecível, mas, a velha sabia que era ele.





APRESENTAMOS O CONTO

VERMELHA POR DENTRO E POR FORA

POR DAVID SACHES

Sobre o autor: David Saches, 23 anos, é estudante de Psicologia e adora livros. Principalmente escrevê-los. Até agora ele teve alguns contos publicados em antologias, sendo um deles em primeiro lugar, e mostrou para alguns amigos, todavia, pretende começar a mostrar ao mundo as inúmeras histórias que assombram sua cabeça. Email para contatos: david.saches12@gmail.com. Instagram: [davidsaches](https://www.instagram.com/davidsaches).

— Crianças, por favor — pediu Allan, professor de Matemática de uma escola pública do Recife, sem paciência. — Colaborem comigo, liguem as câmeras e os microfones para responderem as questões.

Allan Maciel é um excelente professor, daqueles que você fica com a imagem na cabeça mesmo anos após se formar. Ele sempre deu seu melhor dentro de sala de aula, mas sentia uma dificuldade tremenda com as aulas remotas: sempre saía com vontade de quebrar o computador. Rezava para que a pandemia passasse para a antiga realidade retornar. Entretanto, mesmo com as dificuldades, continuava pesquisando maneiras novas para deixar o ensino mais didático para melhor entender o assunto. Infelizmente, aquela sexta não estava sendo seu melhor dia.

Respirou fundo.

— Geovana, sua vez, você pode me dizer qual é a raiz quadrada de 36? — Questionou à sua aluna do oitavo ano do ensino fundamental. Apenas a foto dela aparecia no computador, Allan não conseguia ouvir nada nem vê-la. Retornou a insistir.

Entretanto, quando abriu a boca para pedir novamente, a garota apareceu.

— Desculpe, professor, qual a pergunta? — Perguntou, acanhada.

Allan arregala os olhos. Não esperava ouvir aquilo. Não a pergunta da menina, mas a raiva que estava por trás.

— Geovana, sua demente, você ouviu muito bem o que o professor disse! Responda! — Gritava sua mãe, com raiva. Allan não conseguia vê-la diretamente, apenas o reflexo no espelho que estava atrás de Geovana. Estava segurando um chinelo.

Allan não entendeu nada. Em sua cabeça aquela pergunta era tão simples, e ele já tinha falado em aula antes.

— Tudo bem, eu posso repetir sem problemas — disse, pisando em ovos. Agora falou mais calmo, e repetiu a pergunta.

— É... é... — a menina tentou responder, mas as palavras lhe fugiram da boca. Geovana estava visivelmente nervosa, suando, movendo-se inquieta na cadeira. Mordiscava a unha e logo passava as mãos no cabelo. Allan começou a ficar preocupado.

— O que é isso? Responda logo, Geovana, ou vai deixar o professor esperando? Você é uma vergonha, não faz nada da vida, não trabalha nem tem preocupação nenhuma, e nem estuda direito. Quando terminar a aula você vai se ver comigo, viu. — Ameaçou a mãe.

Geovana, que estava inquieta, piorou. Olhava com medo para a mãe, e não conseguia focar na tela; saber que os outros alunos estavam presenciando aquilo era humilhante, sentia-se exposta, envergonhada. Allan também. Parecia estar vendo algo íntimo alheio. Sabia que essas situações ocorriam com seus alunos, já escutou relatos e alguns até o puxaram para conversar depois das aulas. Mesmo assim ele se arrependeu, de certa forma, de ter causado aquele transtorno tremendo, pois não era a sua intenção.

— Tudo bem, Geovana, a resposta é 6. Se estiver precisando de ajuda com o assunto, você pode conversar com algum aluno ou falar comigo, tudo bem? — Disse Allan, condescendente.

A menina tentou esboçar um riso, e saiu torto.

— Obrigada, professor. É que me deu um branco..., mas eu sei o assunto, só fico nervosa mesmo aparecendo na câmera.

— Sem problemas.

— Tem vergonha, Geovana. Seis! A resposta era seis e você toda nervosinha, tremendo feito vara verde. Sabe o que você é? Um zero à esquerda, isso que você é e o que sempre vai ser. Se não consegue responder isso como você acha que vai se dar bem na vida. — Falou a mulher, andando pela casa.

Pelas palavras da mulher e a reação da filha, Allan teve certeza de que isso ocorria há muito tempo. Os abusos não eram nada fáceis de presenciar, principalmente ouvir todo dia. Allan decidiu tomar uma atitude.

Geovana responde bem baixinho, tanto que foi quase inaudível: — Burra é você.

Allan ia pedir para a aluna desligar o microfone, quando algo o surpreendeu.

— O quê? — A mãe de Geovana volta a aparecer na câmera, agora é possível ver da cintura para baixo. — Repita.

— Não. — Geovana olhava para baixo, Allan viu seus olhos encherem-se de choro. Ele gostaria muito de fazer algo, aquilo estava tão perto e tão longe ao mesmo tempo, mas não pôde. Tentou telefonar para a diretora para comentar o que estava assistindo para que ela lhe desse algum direcionamento. Discou o número com o peito apertado.

— Diga! — Urrou a mãe pegando a filha pela bochecha e forçando a garota a olhar-lhe nos olhos. — Repita sua menina malcriada, quando eu mando você fazer algo, você faça, ouviu? Eu sou sua mãe e eu mando em você.

— Você é uma burra, a pior mãe do mundo! Te odeio, te odeio — choramingou a menina enquanto repetia as palavras.

— Geova... — disse Allan, mas sua voz foi silenciada novamente.

A mãe solta a garota e lhe dá um tapa forte no rosto. Tão forte que a garota cai da cadeira. Como se fosse pouco, a mulher pega a criança pelo braço e puxa-a até o quarto.

Allan pula da cadeira e se fosse possível, entraria na tela do computador para apaziguar aquela discussão sem futuro. Ele estava desesperado, queria fazer alguma coisa, mas não tinha como, eles estavam muito distantes um do outro para ele fazer qualquer coisa, e mesmo assim aquela situação era delicada demais para ele se meter.

— Venha cá! Você vai ver quem é a mãe ruim agora.

— Não, mamãe, por favor! Não me bata — berrou a menina, como se estivesse implorando pela vida enquanto seguia para a forquilha. — Por favor! Por favor!

A diretora atendeu o telefone.

— Sra. Rejane?

— Oi, Allan, tudo bem? — disse a diretora.

— Você não vai acreditar no que estou vendo aqui na aula. — Disse com os olhos arregalados ao ver a pior cena da sua vida. Pelo espelho continuou a ver a mãe da aluna puxando-a até o quarto. — Uma mãe está espancando a filha bem na aula online! O que eu faço?

— Minha nossa... — suspirou a sra. Rejane, ficando pensativa. — Sabia que a violência doméstica havia piorado na pandemia, mas nunca imaginei algo tão próximo assim. Qual a aluna?

— Geovana, do oitavo ano da turma A — respondeu rapidamente.

O professor estava respirando forte, como se lhe faltasse ar. Andou inquieto pelo quarto, mantendo o olhar na tela do computador. O enjoo tomou conta do seu corpo. Suas mãos suaram trêmulas e o telefone quase caiu da orelha.

— Sei quem é. Você lembra que ela era uma encrenca na escola? Gostava de bater em todo mundo; lembro de vários relatos de alunos falando que ela ficava esperando depois da aula para bater neles. Agora faz sentido: apanhava em casa, batia na rua. Vou ter uma conversinha com ela depois, tudo bem?

Depois?

— Não há nada que se possa fazer agora? — Perguntou, desesperado.

— Sinto muito, Allan, mas agora eu não posso. — disse a diretora.

O professor agradeceu e desligou. Olhou para a tela fria. Tudo aquilo parecia um filme, mesmo sabendo que era real. Os outros alunos comentavam na aba de mensagens,

uns rindo do ocorrido e outros preocupados com a menina. No final, todos sentiram o desespero também.

— Geovana? Geovana? Consegue me ouvir? — Perguntou o professor para o computador.

Tudo que escutou foi a porta do quarto abrir e Geovana apareceu com o rosto vermelho e enrugado de choro. Logo em seguida a mãe segurou a filha, trazendo-a de volta para a cama, voltando a chicoteá-la. A cada chicoteada a menina gritava ainda mais. Geovana chorava, pedia para a mãe parar, e a sem coração continuou até toda sua raiva se esvaír no corpo da garota.

— Você quis que eu fosse ruim, agora não reclame — falou a mãe.

— Geovana, tudo bem com você? — Allan perguntou novamente.

A menina não respondeu, entretanto, sua mãe, ao perceber que toda sua brutalidade havia sido presenciada por todo mundo, virou-se com o corpo recarregado de ódio para bater de novo na menina.

Mas algo inesperado acontece.

Geovana, com um vaso branco nas mãos, acerta sua mãe na cabeça assim que essa vira. Allan arregala os olhos de surpresa e todo ar escapa seus pulmões. Um som oco, de algo maciço batendo em outra coisa dura, ecoa pelo ambiente até chegar no ouvido de todos. A mulher bate na porta e depois amolece, caindo no chão com a gravidade. Geovana não ajuda, nem se move. Permanece como está: vermelha por dentro e por fora, olhando para mãe desejando o seu sumiço.

— Geovana! — Grita Allan. — Não faça isso, por favor. Deixe que eu te ajude.

Todavia, a menina continua parada fitando o chão. Seus cabelos longos e lisos estão bagunçados. Saliva, lágrimas e muco molham seu rosto. Ela fungou um pouco. Allan consegue ver seus braços avermelhados, com marcas rubras tão vivas quanto uma queimadura de segundo grau. Geovana não chora mais: sua alma está fria demais.

Logo depois a menina se abaixa com o vaso nas mãos em direção ao corpo da mãe.

Um grito de horror sai da garganta da menina enlouquecida. Geovana repete o mesmo movimento várias vezes, até que o vaso que antes era branco, torna-se vermelho-sangue. Continua até descontar toda a fúria que sentia pelas humilhações e por todo ódio que sua mãe despejou nela.

Cansada, Geovana levanta-se com dificuldade. Coloca o joelho no chão e apoia-se na parede, manchando-a com uma pegada de sangue. Seu nariz está escorrendo muco transparente e ela passa o braço para limpá-lo. Anda até o computador e senta-se, agora ereta e dura, quase como uma estátua sangrenta.

— Pode continuar a aula, professor.





APRESENTAMOS O CONTO

ÍNCUBO

POR DENIS LEANDRO CARVALHO FIORAVANTE

Sobre o autor: Denis Fioravante é formado em História, apaixonado por literatura e filmes de terror. Nos contos que escreve resalta o terror que pode estar presente no dia a dia, tendo como pano de fundo sua Cidade natal Ribeirão Preto - SP.

Agora que cheguei na Nove de Julho percebi que está tarde, o Sol se põe, o céu, que antes era azul-claro, assume tons vermelhos e o tempo que antes era quente e seco, ganhou a companhia do vento frio. Uma noite hostil está anunciada.

Fazia algum tempo que eu não colocava a cara na rua. Desde o início da Quarentena, tenho evitado ao máximo sair do meu apartamento. No começo foi legal não precisar sair de casa, trabalhar Home Office, mas ninguém pensou que esse isolamento demoraria tanto. Maldita doença, maldito COVID.

Com o tempo o isolamento começou a ficar pesado, principalmente quando você mora sozinho. A necessidade de ver alguém se torna desesperadora, não pude evitar. Coloquei minha máscara protetora, cobrindo minha boca e nariz e saí para uma rápida caminhada.

Mesmo com o vento frio ganhando força, o tempo continua quente, olho de relance o relógio digital que fica no meio da avenida Presidente Vargas com a Nove de Julho, e o display mostra: 18:03 e 36°C. Faz meses que não cai uma gota de água desse céu avermelhado, a sensação é de estar em um deserto. Andar de máscara com um clima assim só serve para me lembrar dos beduínos com seus turbantes e camelos. É, talvez o mundo esteja se tornando um grande deserto.

Meu nariz não demora para ficar seco e a cada respiração, por conta da máscara, o ar sobe e bate no olho, o que me deixa mais irritado. Paro em frente a uma praça para descansar um pouco, tiro a máscara do rosto para tomar um ar e coçar o olho.

A praça que antes era movimentada está deserta, a banca de jornal que fica no meio, está fechada e os pontos de ônibus vazios. A única presença humana na praça é um mendigo deitado nos arbustos, me olhando com certa curiosidade. Ao seu lado está um radinho de pilha vermelho com a antena esticada ao máximo e o volume no talo, consegui assim ouvir a transmissão das últimas notícias em meio as interferências: “*Chruuwiichuu Aumenta o número de casos de COVID Rhuuuchwuuu...em Ribeirão Preto...rwichiii cidade ainda no estado Vermelho...rhuw da pandemia...cxhri*”, escutar isso serviu para me arrepender mais de ter saído.

Decido dar meia volta e encerrar meu passeio. Visto novamente a máscara e sinto meu ombro bater em algo macio - o que SERÁ? Não tinha visto ninguém na rua a não ser eu e meu amigo nos arbustos, não escutei ninguém se aproximar.

É melhor eu começar a ensaiar um pedido de desculpas e... hã?..De quem são esses olhos brilhantes que me encaram? Sobrancelhas finas, cílios longos, Deus como ela é bonita. Ela está rindo, consigo perceber seu sorriso pela expressão dos olhos, já que a máscara de tecido preto que ela usa, esconde o que deve ser uma boca carnuda, macia e quente, acompanhada de dentes brancos e perfeitamente encaixados. Ela me dá mais uma olhada antes de jogar os longos cabelos negros sobre os ombros e continuar seu caminho.

Ao vê-la de costas pude notar seus cabelos levemente ondulados nas pontas, chegavam um pouco abaixo dos ombros, sua cintura fina e sua bunda redonda e grande, mas nada desproporcional ao tamanho do corpo, que deve ter um metro e setenta e cinco no máximo.

A cada passo que ela dá, seu corpo dança, com movimentos sincronizados da cintura e daquela bunda redonda que vai da esquerda para a direita acompanhando o movimento das pernas. Aquele balanço pendular do seu corpo é hipnotizante, dotado de uma sensualidade natural. Estou paralisado olhando-a se afastar.

Em um dia normal essa mulher atrairia todos os olhares por onde passasse e, certamente, eu não ficaria olhando por tanto tempo se a rua não estivesse vazia, mas no atual cenário, é impossível resistir.

“Hiririririr...”

O que?..hã..parece que meu amigo mendigo está se divertindo, rindo da minha babação de ovo, com sua boca desdentada. Deitado nos arbustos, com o radinho vermelho desligado, está se preparando pra dormir. Vou seguir seu exemplo e ir pra casa descansar.

A visão daqueles olhos ainda está presente na memória, olhos escuros com um tom azulado. Que angústia é essa que cresce no meu peito? Toda hora eu me viro para ver aquela figura feminina a passos lentos diminuir no horizonte. Eu preciso ver aquela mulher de perto novamente, descobrir como é o som da sua voz, sentir a sua pele, ver o seu rosto.

O que eu estou fazendo? Estou voltando, passos largos, já cheguei ao relógio digital da avenida vejo o display 18:30 e 33°C, cheguei na praça, olho meio desconsertado na direção do mendigo para ver se ele ri de mim novamente, mas já está deitado na grama, envolto em seus pensamentos. Atravesso a Avenida Independência e chego na parte antiga da Nove de Julho.

A Nove de Julho e seus paralelepípedos irregulares, essa é uma das poucas partes da cidade que mantêm o calçamento antigo. Esse trecho da Nove de Julho é amado pelos memorialistas e moradores antigos que a consideram um patrimônio local e odiado pelos motoristas, que apelidaram esse pedaço de quebra-molas. Em dias normais os carros disputam cada espaço da avenida junto aos ônibus, mas hoje está vazia. Olho para frente e há um quarteirão de distância a vejo, de costas, formosa.

Deve ser por conta do isolamento, tempo demais sem ver uma mulher. Ver vídeos pornô e fazer justiça com as próprias mãos só adia a necessidade de sexo e, no geral, só aumenta à vontade. De toda forma não posso chegar do nada atrás dela, provavelmente se assustaria, me tomando por um maníaco; talvez ela gritasse, ou poderia até me agredir... eu no lugar dela faria a mesma coisa.

Tenho que pensar em algo para dizer, não posso aparecer do nada. Vou diminuir o passo, deixá-la tomar distância. Não percebeu que estou atrás dela. O que lhe digo? Preciso pensar, ter uma ideia. Olho para o chão e vejo os irregulares paralelepípedos, alguns estão retos na horizontal, outros na diagonal, alguns na vertical e na transversal com uma ponta para cima. Mas que Pedras Malditas!

Acabo de ter uma lembrança desse lugar.

Quando mudamos para essa cidade eu tinha 9 anos, acho que foi em 1998, eu estava muito irritado, tinha deixado meus amigos, primos, não queria ter vindo, mas minha mãe disse que meu pai tinha passado em um concurso para ser técnico de laboratório da USP. Sendo assim, mudamos. Odiei a cidade: quente como o próprio inferno. Lembro que chegamos à tarde; eu estava aborrecido, entrei no meu novo quarto e dormi, só sai a noitinha, acordado pelo barulho da TV. Fui pra sala onde meus pais estavam, olhei para a televisão ligada.

O repórter do jornal local informava sobre um assassinato na Nove de Julho. Uma prostituta fora arrastada pela avenida por uma caminhonete importada, as imagens do corpo desfigurado mostradas ao vivo na televisão, o repórter falava que a identidade da moça só foi reconhecida por conta de uma tatuagem de golfinho que ela tinha na bunda. Nicole era o nome dela. Aliás, se não me falha a memória, a perna parece ter sido a única coisa inteira que sobrou do corpo, o resto ficou espalhado por toda avenida. Minha mãe correu para cobrir meus olhos, mas já era tarde: as imagens já estavam plantadas na cabeça. Fiquei três dias sem dormir.

Estranho andar por essa avenida e lembrar disso, normalmente nem nos damos conta de que já foi palco de um massacre, que essas pedras rasgaram a carne e sugaram o sangue humano. Andamos e atravessamos essas pedras sem nos darmos conta do quão perigosas são. Olhando agora para esses paralelepípedos, parecem com dentes, prontos para triturar carne nova, carne macia de mulher, como uma besta selvagem.

Tenho que parar de pensar nisso, preciso me concentrar, não posso chegar com uma conversa dessas, a moça correria de medo.

Já está ficando bem escuro, as sombras das árvores do canteiro central, que abraçam a via dos dois lados, já tomaram conta de todo o espaço. A escuridão começa a cobrir as lojas, já posso ver as luzes dos postes, que aos poucos começam a acender. Preciso dar um fim nisso antes que a situação fique mais estranha.

Vejo que ela está um pouco mais afastada, melhor andar com mais rapidez, ainda não sei bem o que dizer.

“Droga!”

Ela escutou meus passos apressados, não adianta diminuir a força da pisada, é tarde, ela parou de andar, está dando uma olhadinha para trás.

Ela está com a cabeça para o lado, vejo seus olhos focados em mim, que gesto delicado, estou atônito! Não consigo pensar em nada, não vem nada, a mente foi esvaziada por aqueles olhos brilhantes, que agora parecem emanar uma luz forte, em tons violeta, que se destacam em meio a escuridão da rua. A minha boca não consegue emitir nenhum som, as palavras não aparecem. Eu consigo perceber o riso dela por debaixo da máscara, ela percebeu que estou apaixonado.

Vejo a malícia nos olhos dela, me pegou de saia justa, não sei o que fazer, estou com muita vergonha, ela está lá, parada, sorrindo, esperando que eu dê o primeiro passo. Vou juntar todo o fôlego que me resta para falar alguma coisa. Tarde demais!

Ela voltou a andar, de forma calma, constante, no mesmo compasso de antes.

A única coisa que consigo pensar agora é no constrangimento dessa situação, melhor ir embora, seguir meu caminho, ela seguiu o dela. Tive minha chance e como um paspalho não consegui fazer nada! Ela não ia ficar esperando a noite toda, deve ter percebido que eu sou mole demais pra tomar a iniciativa.

Antes de partir, olho mais uma vez para ela e...e... aqueles olhos de gato, estão na minha direção novamente!

Parecem dois faróis, que me mostram a direção. Ela quer que eu a siga, de alguma forma está interessada em mim. Parece que essa quarentena deixou todo mundo carente.

Recomeçou seu andar, sigo em sua direção e ela se afasta. O que ela quer? A não ser que...acho..que ela....entendi é um jogo!

Ela quer que eu a persiga, isso deve deixá-la excitada, acho que eu também estou ficando excitado, melhor acelerar o passo, meu coração bate forte, sinto um calor pelo corpo. Gostei dessa brincadeira!

Não vejo a hora de tê-la nos meus braços, tirar aquela máscara que cobre seu rosto e beijá-la com força.

Quem sabe ela não mora aqui perto e está me levando para sua casa, onde podemos ficar mais à vontade? Já consigo vê-la tirando aquela blusa de alcinha. Consigo ouvir os seus gemidinhos, a sua respiração ofegante, as mordidinhas no lábio, sinto minha boca beijando cada centímetro do seu corpo.

Ela está mais perto agora, está há uns dez passos, mas a distância parece não diminuir. Estou quase correndo e ela está andando, sempre com a mesma velocidade. Parece aquelas histórias mitológicas, da fuga da ninfa, Apolo e Dafne, Glauco e Cila, as pequenas ninfas fogem de seus pretendentes, que cegos pelo amor as perseguem loucamente para saciar seus desejos. Maldito Cupido, me enfeitiçou com suas flechas e agora sofro do mesmo mal que Apolo e Glauco sofreram! Não consigo parar de segui-la, mesmo que eu queira é mais forte que minha vontade, é uma atração magnética, uma força estranha que puxa o meu corpo para frente.

Olho para trás, vejo que a escuridão da noite se abatera sobre a rua, lembro do meu apartamento, escuro e empoeirados, que vontade de voltar para segurança do lar, mas não consigo parar de pensar na boca macia daquela mulher, pintada com batom vermelho.

As estrelas brilham forte no céu negro. Volta e meia escuto os barulhos das motocicletas dos entregadores de comida, rasgando o silêncio. Preciso manter meu foco, mesmo com o suor, que cai em bicas do meu rosto e o aumento da fadiga, tenho que seguir na direção dela.

Já estou na altura do clube Recreativa da Nove de Julho, a fadiga aumenta novamente, o fôlego começa a faltar, a perna já está falhando, sinto falta de ar e a fraqueza desce sobre meu corpo. Não imaginei que estivesse tão sedentário assim, melhor desistir. Minha vontade é de cair no chão e levantar só no dia seguinte.

Acho que não vou aguentar seguir, preciso....que?...ela parou, está de frente para mim, me esperando.

Não é possível!

Lá está ela, imóvel, em frente a antiga boate Bronze, que outrora foi o local de encontro dos roqueiros. Hoje é mais um comércio qualquer, como tudo na Nove de Julho.

Eu chego mais perto de minha amada, seus olhos brilham; a luz que emana deles está mais forte, o violeta está mais intenso. Finalmente, ela estica os braços, quer que eu a abrace. Meu coração dispara, e agora tenho a certeza de que ela também me quer.

Estou na frente dela, ela entrelaça seus braços em meu pescoço, coloquei minhas mãos em sua cintura. Seus olhos violeta estão fixo em meu rosto, intensos e profundos, parece que eles enxergam minha alma. Se não fosse pelas máscaras já a teria beijado.

Antes de fazer qualquer coisa preciso saber quem ela é.

“Qual é o seu nome?”

Ela leva seu rosto próximo ao meu ouvido e diz.

“Sou o Demônio e vou fazer aquilo que o Demônio faz.”

“O quê?”

Sinto o estralo de osso quebrado, caio no chão, não mexo nada do pescoço para baixo, nunca imaginei que aqueles braços finos e delicados fossem tão mortais. Minha visão começa a ficar turva, dor, muita dor....

Olho para rua e os paralelepípedos, estão manchados de sangue.





APRESENTAMOS O CONTO
A PROMESSA DE ADAMASTOR

POR GILSON SALOMÃO PESSÔA

Sobre o autor: Gilson Salomão Pessoa é escritor, formado em jornalismo com dois livros publicados, sendo um de prosa e um de poesia. Atualmente é colunista no site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br/>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br)

Adamastor sempre foi um rapaz bastante tímido, conheceu sua esposa Olívia num baile de Primavera quando ainda eram adolescentes em 1934. Ela estava sentada olhando em volta esperando que alguém a tirasse para dançar. Seus olhares se cruzaram por um breve momento e foi o bastante para que ficassem juntos para sempre. Nunca tiveram filhos, mas seu amor foi intenso por mais de cinco décadas, até o falecimento da mesma aos 85 anos. Ele que é três anos mais velho que sua amada não entendeu porque não partiu primeiro e foi obrigado a sofrer num mundo que tinha se tornado tão vazio e pálido sem ela. No momento da despedida ela o fez prometer que derramaria suas cinzas na sua cidade natal, Itamboraba, de onde ela tinha saído quando criança e nunca retornado, embora tivesse muito carinho por aquela região.

No momento da promessa, o apaixonado marido não sabia que a cidade ficava absurdamente longe de qualquer traço de civilização e como não tinha pressa de chegar, resolveu ir de carro. Planejou um itinerário com calma, usando mapas e bússola, pois era avesso a qualquer tipo de tecnologia.

A viagem seguiu sem problemas durante boa parte do tempo, enquanto ainda havia estradas, estabelecimentos comerciais, pousadas e afins. Depois de um certo tempo começou a estrada de terra com mato por todos os lados, mas isso não abalou os seus ânimos, pois o motivo da viagem fazia ele se lembrar do quanto a amava. Sentado em seu automóvel ele foi se recordando de todos os momentos felizes de seu casamento, com sua cota de brigas fúteis que eram rapidamente superadas por uma piada ou besteira que ele porventura aprontava. Gostava de andar sempre alinhado e perfumado, com seu terno e chapéu de feltro preto, seu relógio de pulso com uma pulseira prateada que brilhava com a luz do sol enquanto ele segurava o volante.

Depois de alguns quilômetros por aquela estrada deserta, as coisas começaram a ficar realmente estranhas. Adamastor era um policial aposentado e não abriu mão de levar sua arma no porta-luvas, só por precaução. Era outro traço de sua personalidade que ela tinha transformado nele. Sentia que devia demais por Olívia ter sido uma presença tão especial em sua vida e aquela promessa era o mínimo que ele poderia fazer depois que ela se foi. Era uma forma de se manterem conectados, uma despedida que ela pediu e sempre mereceu. Volta e meia olhava para a urna dela no banco do carona, presa pelo cinto de segurança, conversando como se ela estivesse ali ao seu lado.

Uma estranha neblina começou a cobrir todo o terreno e ele reduziu a velocidade do seu carro. Começava a anoitecer e ele não percebeu nenhum sinal de vida ao seu redor. Mesmo planejando tudo com antecedência, aquilo definitivamente o surpreendeu. Parou o veículo no acostamento e preparou-se para dormir no banco de trás, tirando uma manta e um travesseiro do porta-malas. Não era o melhor lugar nem o momento para fazer isso, mas estava cansado e não tinha como prosseguir.

Estava quase pegando no sono quando ouviu algo caminhando do lado de fora, como se estivesse rodeando o automóvel e o estudando. Tinha uma respiração ofegante e pesada, como um boi ou algo tão grande quanto. Olhou pelo vidro, mas não conseguiu distinguir nada. Só percebia algo se movendo inquieto do lado de fora que de repente parou e começou a grunhir muito alto, como se estivesse chamando seus companheiros para entender o que era aquilo parado à beira da estrada.

Adamastor não era religioso, mas carregava sempre o terço de sua falecida esposa no bolso da calça. Ela insistia tanto que ele levasse no trabalho que acabou se tornando um hábito. Era lilás e tinha o perfume que ela adorava usar. Segurou com força e pediu a Deus para que aquelas coisas fossem embora e o deixassem dormir. Depois de sentir umas cabeçadas na lateral do carro, tudo ficou em silêncio e muito, muito escuro.

No dia seguinte, quando acordou conseguiu ver pegadas fundas ao redor do carro. Não pareciam ser de qualquer bovino ou paquiderme que ele conhecia. O que tinha andado ali definitivamente não tinha cascos em suas patas. Procurou um bloco em sua mala e esboçou um rascunho de desenho para estudar melhor depois. Escreveu também tudo o que tinha acontecido com ele, começando uma espécie de diário de viagem, pois sua memória já não era a mesma de antigamente e tinha medo de se esquecer de tudo aquilo, o que era impossível, mas não improvável.

A neblina não tinha ido embora. Ele comeu alguns biscoitos de aveia que estavam num pote e tomou um pouco de suco de caju em sua garrafa térmica. Nunca teve vontade de fumar ou beber álcool e isso não tinha nenhum fundamento moral. Simplesmente não via sentido ou necessidade. Gostava de ouvir jazz, bolero e blues.

Tinha prazer em sentar-se em sua cadeira de balanço e sentir os primeiros raios de sol aquecendo sua careca enquanto ele lia o jornal tomando achocolatado. Depois ia para o jardim onde se deitava na rede com um bom livro e ocasionalmente parava para ouvir os

passarinhos cantando ao seu redor. Andava muito de bicicleta com Olívia, mas depois que ela se foi ele não viu mais sentido em prosseguir sozinho. Deitou as duas magrelas na parede da garagem e elas ficaram grudadinhas juntando ferrugem, como duas almas entrelaçadas ao sabor do tempo.

Tudo aquilo passou pela cabeça de Adamastor quando ele começou a avistar as primeiras casas de Itamboraba, um lugar definitivamente esquecido pelos mapas e pela História. Desacelerou o carro e foi analisando tudo em volta, tentando compreender porque sua falecida esposa tinha tanto apreço por aquela região. Viu uma velha senhora agachada como uma sapa lavando roupas no rio. Ela levantou o rosto e o fitou com um olhar medonho, sem vida.

O clima estava bastante frio e a neblina continuava. Avistou um boteco, aparentemente o único estabelecimento comercial por ali e resolveu ir ali para talvez tomar alguma coisa não alcoólica que o esquentasse. Não tinha muita esperança, mas não custava tentar. Afinal, que lugar não teria pelo menos um cafezinho ou um leite quente?

O atendente tinha o mesmo olhar gelado e repulsivo da lavadora que ele tinha avistado na estrada:

— O que você está fazendo nessa região? — Perguntou ele num tom nada amistoso.

— Primeiramente um bom dia para o senhor. Vim de longe para despejar as cinzas de minha finada esposa. Foi o último pedido dela, sabe? Só para confirmar, aqui é Itamboraba mesmo?

— O que você acha?

— Bom, eu vi uma placa enterrada num brejo aqui perto e é a primeira cidade que vejo em dias, depois de seguir reto por uma estrada de terra que parecia não ter fim. Enfim, estou precisando de algo quente para beber que não seja alcoólico. Pode ser um chá, leite ou até café. Esse frio está fazendo as minhas articulações doerem de uma forma que você não acredita... — disse esboçando um sorriso e se esforçando para ser simpático em meio à toda aquela atmosfera pesada que o rodeava.

— Posso fazer um chá para você. Tenho folhas de laranjeira.

— Ótimo.

— Mas você precisa tomar essa bebida, seguir com o desejo da sua esposa e ir embora o quanto antes. Isso não é um pedido nem um conselho.

— E essa neblina? Ela fica por aqui o tempo todo ou só nessa época do ano?

— Para que tanta pergunta? Você é jornalista?

— Não, sou um pobre policial aposentado a seu dispor.

— Não precisamos da sua gente por aqui.

— Aqui não tem policiais? Mas quem...

— Seu chá. — Interrompeu ele secamente enquanto empurrava a xícara de maneira um tanto agressiva.

Adamastor bebeu com uma certa insegurança, mesmo tendo visto o homem preparar o pedido na sua frente. Pagou, agradeceu e foi embora. Quando estava saindo do recinto ouviu:

— Saia antes do anoitecer!

O velhinho percorreu a cidade inteira, procurando o melhor lugar para fazer a sua despedida. Enfim achou um riacho que corria em direção a um canteiro de flores e decidiu que ali era ideal. Pegou a urna, a beijou e foi despejando devagarinho as cinzas, enquanto lágrimas caíam de seus olhos. Pegou uma camisa, estendeu na grama ali perto e fez um piquenique. Deitou-se e ficou pensando em como tinham sido felizes juntos e como agora ele não tinha outra opção senão seguir sozinho. Se esqueceu do atendente rabugento e ficou horas pensando no sorriso de Olívia.

Acabou adormecendo porque não percebeu como estava cansado da viagem. Acordou assustado e sua primeira visão foi o sol se pondo no horizonte. Enquanto caminhava em direção ao carro avistou ao longe uma estranha procissão com tochas, cânticos em uma língua estranha e uma mulher amordaçada, com as mãos atadas e caminhando empurrada por eles enquanto chorava. Embora seu instinto de sobrevivência dissesse para ele não se envolver e ir embora sem olhar para trás, resolveu ser policial uma última vez e investigar o que estava acontecendo.

Seguiu o grupo à distância que caminhou por uma trilha durante algum tempo até chegarem num estranho altar cercado de obeliscos. Deitaram a mulher ali e um deles começou a entoar um cântico muito bizarro:

— Venha ó divino e ancestral Shudc'ba e possua o corpo dessa jovem! Reine sobre nós com toda a sua soberania!

Os homens vestindo túnicas magenta entoaram gemidos estranhos enquanto agitavam os braços freneticamente. Um redemoinho escuro começou a se formar no céu enquanto um deles recitava uma espécie de rito escrito num livro:

— “Ph'nglui mglw'nafh Shudc'ba R'lyeh wgah'nagl fhtagn”

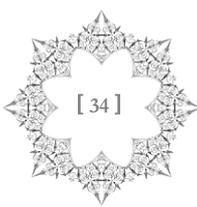
Um tentáculo surgiu do buraco negro e grudou na cabeça da moça, que começou a irradiar luz pelos olhos e ouvidos até sua cabeça explodir. Um dos homens se virou para o outro e disse:

— Onde você encontrou essa mulher? Ela obviamente não era digna!

Nesse momento o policial aposentado não resistiu. Sacou seu revólver e atirou em quantos membros da seita conseguiu, até ficar sem balas. Os sobreviventes vieram correndo com tochas enquanto ele corria e pensava:

— Devia ter atirado no livro! Devia ter atirado no livro!

Foi então que ele começou a sentir uma dor muito forte em seu peito e o braço dormente. Aquele enfarto não poderia chegar em um momento mais apropriado. Tropeçou e caiu no chão, sentindo sua visão escurecer enquanto ouvia os passos de seus perseguidores. Abraçou a morte como quem finalmente recebeu uma visita há muito tempo esperada...



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful, patterned skirt, stands in a dark, wooded area at night. She is holding a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a chimney. The scene is dimly lit, with the lantern providing the primary light source.

APRESENTAMOS O CONTO
CAMINHOS PERIGOSOS

POR HÉLIO SENA

Sobre o autor: Hélio Sena é cearense, professor, contista e poeta. Publicou os livros Falsidade da noite (2012), Nós & a rosa (2016) e Poesia da cor da vida (2020), além de numerosas participações em coletâneas.

O pobre homem havia caminhado o dia inteiro sob o sol escaldante da caatinga, sozinho, por estradinhas ora de barro vermelho, ora de finíssima areia branca; estava, pois, quase morto de cansaço e fadiga. Por isso, deu graças a Deus quando avistou uma casinha perdida no meio daquele deserto, e tratou de apressar o passo para chegar lá, antes que a noite caísse de vez.

Enquanto caminhava, observava, admirado, a grande quantidade de morcegos que esvoaçava para lá e para cá, alguns passando bem rente a ele. Raimundo nunca tinha visto tanto morcego junto! Aquilo lhe pareceu coisa de mau agouro, e, apesar de ser um homem de bastante coragem, não deixou de sentir um ligeiro arrepio na espinha...

Então, para se distrair, começou a assobiar uma cançãozinha aprendida com o pai, no tempo em que ele, Raimundo, era apenas era um menininho inocente, que sonhava em um dia ir embora para o Sudeste, ganhar bastante dinheiro por lá, e voltar milionário, para matar a fome daquela gente pobre do sertão, que tanto precisava de ajuda!

A canção misturava-se ao barulho do cascalho, que estalava sob os seus chinelos carcomidos, e perdia-se para além da vegetação seca e retorcida, para além daqueles serrotes que mais pareciam montanhas-russas da morte, até diluir-se na enorme imensidão da noite...

Quando parou diante da casa, desvaneceu-se do coração de Raimundo toda e qualquer esperança de que ali pudesse residir alguém... A casa não passava de uma tapera, com o barro da taipa caindo em muitos lugares; a porta e a janela da frente haviam sido destruídas pelo cupim, deixando entrever o negrume que reinava no interior do casebre...

Pelo menos tem um teto, pensou Raimundo, e é disso que estou precisando nesse momento. Está bom demais! Vou pernoitar aqui mesmo e amanhã cedo sigo viagem...

E então entrou na choupana. Ficou um instante imóvel, para acostumar seus olhos à penumbra. Percebeu, então, que o casebre era composto por um único cômodo, e que estava vazio, exceto pelo que pareciam ser cinco ou seis garrafas de vidro, espalhadas num dos cantos... Nada mais!

Com um suspiro de alívio, Raimundo depôs no chão a cabaça d'água e o saco de estopa que carregava nas costas. Ali dentro do saco ia o seu *tesouro*, o grande motivo daquela viagem quase sem fim que ele empreendera há cinco dias...

Amanhã, tornou ele a pensar, amanhã tudo vai ser diferente. Quero dar esta alegria para os meus filhos, para a minha mulher, coitados, tão distantes agora... Mas, deixe estar! A nossa salvação está bem pertinho, já posso até sentir o cheiro da danada. Amanhã, com certeza, tudo estará diferente!

E, sentando-se ao lado do saco de estopa, chegou a dizer para si, em voz alta:

— Pelo menos um sonho eu tinha que realizar nessa vida, né? Pelo menos um!

E, assim dizendo, o viajante sorriu de peito aberto. Chegou mesmo a gargalhar, como há tempos não fazia. Estava confiante no futuro. O tempo de privações e tristezas finalmente estava chegando ao fim, e era isso o que importava, de verdade.

Num gesto mecânico, tirou o seu chapéu de palha e olhou através da porta. A noite caíra de vez. Os morcegos horrendos haviam dado lugar a milhões de estrelinhas cintilantes...

O céu nunca esteve tão bonito como hoje, matutou Raimundo. Nunca, nunca mesmo!

Ele ficou alguns minutos apreciando as estrelas, totalmente embevecido; depois meteu a mão no bolso, retirou o pacote de fumo, e, guiando-se apenas pelo tato, fez o seu cigarro. Quando riscou o fósforo, a chama mostrou um rosto precocemente envelhecido, barba e cabelos por fazer, com vários fios grisalhos... Havia, no entanto, algo diferente ali: os olhos, outrora opacos, agora irradiavam um brilho especial, um brilho que certamente não era apenas o reflexo do brilho das estrelinhas, lá no céu...

Acabado o cigarro, Raimundo pegou a cabaça, bebeu dois bons goles d'água e estirou-se no chão; logo estava ferrado no sono...

Raimundo desperta com a dor lancinante da mordida no ombro... Tenta se levantar, mas a criatura, dotada de uma força descomunal, imobiliza-o, enquanto aplica outras mordidas violentas no corpo do viajante.

Em desespero, Raimundo se lembra da faca na cintura. Com esforço sobre-humano, consegue puxá-la e espeta o zumbi na altura do peito. Enlouquecida, a visagem lhe dá uma mordida que arranca parte da orelha esquerda. Outra mordida o fere mortalmente no pescoço...

Em transe, Raimundo pensa na mulher, nos filhos, no saco ali ao lado e, reunindo suas últimas forças, empurra a fera de cima de si. Em segundos, fica de pé, e, furioso, desce o sarrafo sobre o vulto caído ali no chão, cobrindo-o de facadas, até fazê-lo em pedaços...

Findo o massacre, Raimundo sente o corpo desfalecer... Então desaba no meio daquela carne putrefata, que, de certa forma, lhe amortece a queda e serve de travesseiro para um sono profundo e completamente sem sonhos...

Quando Raimundo acordou, o dia vinha clareando.

Sentou-se, esfregando os olhos.

O seu corpo todo doía, parecia que havia levado uma surra.

Mas sorriu ao avistar o saco de estopa.

— Meu tesouro! — disse ele.

Pôs-se de pé, ajeitou o saco e a cabaça d'água nas costas, o chapéu na cabeça e saiu do casebre.

Lá fora, lançou um olhar ao redor: apenas aquela paisagem agreste, tão comum aos seus olhos de sertanejo calejado, de homem que é antes de tudo um forte.

Ao lado do casebre, avistou, com pesar, um monte de terra com uma cruz tosca feita de gravetos, enfiada no topo...

A terra parecia ter sido remexida recentemente... Com certeza tinha sido obra de algum peba, famoso comedor de defunto daquelas paragens, ou de qualquer outro bichinho do mato.

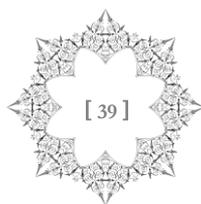
O viajante benzeu-se, pensando em quem poderia estar enterrado ali...

Depois olhou para o nascente.

O sol, lá na frente, parecia uma gigantesca moeda de ouro.

Raimundo sorriu mais uma vez.

E, decidido, marchou a passos largos, larguíssimos, *naquela* direção...





APRESENTAMOS O CONTO

OS TRÊS CÔMODOS DE ABEL

POR JOSÉ DE SOUSA MAGALHÃES

Sobre o autor: Atua profissionalmente como Desenvolvedor Web. É escritor, poeta, dramaturgo e diretor entusiasta. Aspirante a músico e skatista. Foi professor de Língua Inglesa durante seis anos na rede pública e particular de ensino. Atualmente é CEO da empresa Ara Sistemas, onde desenvolve e dá suporte para sistemas educacionais. José Magalhães escreve um pouco de tudo, mas ficção fantástica e romance são seus principais focos. Seus principais livros abordam temas como vampirismo e bruxaria no campo terror, e Segunda Guerra no campo romance.

A Autopista Planalto Sul, trecho entre Curitiba (PR) até a divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul é o caminho usado por diversos motoristas que buscam chegar ao destino de maneira mais rápida, pois o mesmo não possui pedágios, trânsito intenso ou outros empecilhos que possam atrasar aquela reunião de negócios ou mesmo o pequeno descanso do final de semana.

Grande parte da autopista é caracterizado por ser uma região de mata, afastado da civilização, o que pode se tornar um grande problema em caso de acidentes ou mesmo se o motorista tiver um problema no veículo. A iluminação desta rodovia é ruim e possui diversas curvas que podem gerar grandes problemas aos motoristas.

Nem todos os motoristas chegam ao seu tão sonhado destino usando este caminho, uma vez que já houvera alguns desaparecimentos naquela região. Desaparecimentos tão misteriosos que chegam a impressionar até mesmo os peritos, pela ausência de evidências do que houvera ocorrido com as pessoas que ali passaram.

Em uma quinta-feira, César, um advogado renomado de Curitiba, resolve pegar essa estrada para chegar mais cedo à casa de sua mãe. Nesse dia, a pequena senhora o esperava ansiosamente com um belíssimo bolo de cerejas. Mas pouco mais de 20km depois de sua partida, seu carro para de repente na estrada. César já estava longe demais, nem mesmo sinal de telefone pegava mais.

— Não acredito! Vou me atrasar muito! Como vou sair daqui? — Disse César com as mãos na cabeça.

— Eu posso ajudar! — Disse uma voz de criança com um tom masculino.

César olha para todos os lados e não vê absolutamente ninguém. Talvez o fato de serem 19:47 minutos, em uma escuridão realçada apenas pelos faróis do carro ainda ligado, dificultasse a localização da voz.

Achando ser algo de sua cabeça, volta a tentar sinal de telefone, é quando percebe o lugar em que se encontrava. O seu lado direito não havia absolutamente nada, apenas um grande vazio enegrecido pela escuridão, porém, do outro lado, havia um matagal alto, mas ao longe era possível ver uma casa abandonada. A casa era relativamente perto, mas César ficou com receio de ir até ela.

— Eu posso ajudar! Venha aqui na minha casa! Voltou a repetir a voz de criança.

César percebeu que não estava ficando louco e que de fato, essa voz realmente existia, porém, nada conseguia ver ainda.

— Venha aqui! Vamos logo! — Tornou a repetir a voz.

Ao verificar que não havia outra forma, afinal estava ele sem ter como sair dali, resolveu seguir a voz da criança. Adentrou o matagal. Tratava-se de uma plantação de milho, porém já sem vida. As poucas espigas secas que ali existiam, acabavam que machucando o corpo de César, e rasgando sua roupa.

Depois de uma caminhada relativamente curta, ele se depara com a pequena casa. Uma construção caindo aos pedaços, baixa, com uma varanda e aparentemente com quatro cômodos, possivelmente uma sala, um quarto, uma cozinha e um banheiro. A casa era toda feita em madeira.

César resolve dar a volta na casa e percebe que ao fundo, pouco mais de uns 2 metros da casa, havia um montinho de terra com uma cruz feita em madeira, fincada. Abaixo da Cruz estava escrito apenas um nome e datas: “Miguel, 1995-2005”. Logo ao lado, haviam mais dois montes de terra com cruces, mas com mais informações. Em um deles tinha escrito “*Lúcia Lira, mãe. 1957-2005*”, e no outro, “*Esmael Lira, pai. 1942-2005*”.

César ficou curioso com o fato de todas as pessoas morrerem no mesmo ano, 2005. Imaginou que não houvesse mais ninguém naquela casa a essa altura, porém ainda se lembra da voz da criança que falou que um ajudaria. Dessa forma, ele resolve ir na porta da frente da casa.

— Alguém aí? — Disse César meio receoso.

Sem resposta, César resolve entrar na casa, porém a porta da frente estava trancada. Ao girar a maçaneta diversas vezes, percebe-se que casa havia sido trancada a muito tempo e nunca mais for aberta. César desiste e vira as costas, quando houve um barulho da porta sendo destrancada e abrindo sozinha.

— Olá? — Fala César, pela primeira vez assustado.

Ignorando o medo, César entra na casa. Não consegue ver quase nada. Mas, de repente, três velas se acendem dentro do cômodo e porta misteriosamente se fecha. Assustado, César olha para trás e corre para a porta para tentar abri-la, mas esse já é um feito impossível pois a mesma estava trancada como antes.

Pensando no arrependimento de estar ali, César começa a andar pela casa e percebe algo impossível, o espaço físico que aquela casa continha era desproporcional ao tamanho visto por fora. Em seu interior, haviam diversas portas, quartos e até mesmo uma escada que levava para muitos outros quartos.

Com mencionado antes, três velas surgiram um pouco antes da porta se trancar magicamente. Era possível perceber isso, uma vez que as portas possuíam uma espécie de vidro do meio para cima, e a luz emitida pela vela refletia. César resolve fazer o óbvio, entrar nos cômodos que possuíam essa luz.

Ao direcionar-se para o primeiro quarto, começa a ouvir as risadas de uma criança correndo.

— O que está acontecendo? O que você quer? — Gritava César já quase em desespero.

— Ele quer você também. Assim como os outros. Respondeu a voz pela primeira vez a César.

Essa voz era de uma criança do sexo masculino. Até o momento, César não conseguia ver da onde saía esta voz, ou muito menos ver o rosto de quem falava.

— De quem você está falando? — Questiona César.

Sem obter mais resposta, César abre a primeira porta. Dentro, percebe que se trata de um banheiro. O cômodo possuía um chão branco com uma cerâmica pequena até o meio da parede, de cor verde. Ao centro, um tecido cobria o que parecia ser uma grande banheira. A pouca luz da vela ao lado da porta só deixava o ambiente com um ar mais tenebroso.

Mesmo sabendo que se tratava de uma má ideia, César resolve tirar o tecido que escondia a banheira. Aos poucos, removendo o tecido, ele se depara com uma cena terrível: uma mulher morta dentro da banheira. O corpo estava despido, cheio de sangue, com um corte profundo na barriga. A faca ainda estava no chão, ao lado da banheira. O mais estranho era que parecia que a mulher tinha acabado de ser assassinada.

Assustado, César sai imediatamente do local. Correndo feito louco, acaba por esbarrar em tudo que vê pela frente. Ao fechar a porta, a vela se apaga.

— Gostou do que viu? Ainda faltam dois quartos. Falava a voz em tom de ironia.

— Mas que loucura é essa! Gritava César apavorado.

Com muito medo, César dá mais alguns passos, e entra no segundo quarto. Como no quarto anterior, a vela estava acesa no canto da porta. Era um quarto cheio de peças de madeira, como se pertencesse a um carpinteiro. Andando vagarosamente, César tropeça em um corpo, coberto pela metade por um pano preto. Ao descobri-lo, percebe que o mesmo estava sem a cabeça. Assustado, César tenta sair correndo, quando esbarra na cabeça do corpo, e ao seu lado, um motosserra, ainda coberta de sangue. Assim como na vez anterior, César sai correndo, a vela se apaga e a porta fecha.

— Agora só falta um! É lá em cima, não faça ele levar você a força. — Falava a criança com uma voz mais grave.

César ofegante por correr bastante, já em choque, não questiona e sobe as escadas em direção ao terceiro quarto. Abre a porta vagarosamente e, diferentemente dos outros quartos, não vê nenhuma cena aterrorizante. Apenas um quarto quase vazio, somente com a vela no canto da porta, e um espelho ao centro.

— Aproxime-se. — Falava a criança.

Ao fazê-lo, César vê diante do espelho a criança que o atormentara durante toda sua estadia naquele lugar. Era um menino, aparentava possuir uns 10 anos de idade. Vestia um terno antigo e uma boina italiana. Após a imagem do menino, César começa a ver diante do espelho, várias cenas de mortes, enforcamentos, envenenamentos, golpes de madeira, serras elétricas, afogamentos dentre outras, foi quando percebeu que aquelas eram todas as pessoas que desapareceram na estrada e foram parar naquela casa.

— Agora, ele quer você! — Disse o menino.

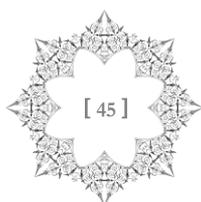
— Quem? Grita César apavorado e incomodado.

— Abel! Respondeu o menino sussurrando.

Ao proferir esse nome, a imagem de César aparece no espelho com uma criatura atrás dele. Um ser imenso, com pelos negros, olhos grandes e vermelhos, dois grandes cifres na cabeça, uma respiração ofegante e uma faca na garganta de César. Apenas um grito pode ser ouvido:

— Nãããããããão!

A porta fecha, a vela se apaga.



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful, patterned skirt, stands in a field of tall grass at night. She holds a glowing lantern in her right hand. In the background, a rustic wooden cabin with a chimney is visible, surrounded by dark trees. The scene is dimly lit, with the lantern providing the primary light source.

APRESENTAMOS O CONTO

AÇÃO E REAÇÃO

POR LUCIANO KENDZIERSKI

Sobre o autor: Luciano é pai de dois filhos, casado, servidor público e escritor amador de contos.

Desde quando consegue se lembrar, Fortuna, como era conhecido pelos amigos, sentia-se como um pêndulo, balançando de um lado para outro, sem nunca aquietar-se ou retornar ao mesmo local. Sua vida era puro movimento e, talvez por isso, buscara na Marinha um lugar seguro para trabalhar, fosse pelo familiar balanço das embarcações, fosse pela disciplina que, esperava, suplantaria a família disfuncional que tinha. O fato é que não encontrara nada de útil naquela vida, a preguiça dos colegas, a leniência dos "superiores" e a incapacidade geral de completar uma tarefa tão simples quanto a de manterem-se minimamente treinados para uma situação de conflito em um país que, à priori, não entra em guerras⁸, causavam-lhe uma urticária na alma. Assim, quando tomou a decisão de sair daquele antro de comodidade, obteve sua compreensão de que não havia, nem nunca haveria, saída através de outros grupos ou indivíduos, ele não apenas bastava a si mesmo, como precisava que fosse dessa forma. Sua disciplina o transformara em uma pessoa isolada e fechada, um casulo cuidadosamente planejado e construído. Em verdade, a incapacidade alheia de organização e ação era como um odor pútrido que lhe causava náusea, tornando os contatos sociais, aqueles de fora dos conhecidos e habituais, uma experiência dolorosa para ele e extremamente hostil para a outra parte.

Sua vida era focada em treinar, treinar e treinar, colocando tudo em prática no dia a dia e em seu trabalho. Mas era na academia que sentia-se em casa, era o seu templo e ali conseguia isola-se ainda mais do mundo, quase como uma oração para si mesmo. Seu vício em exercícios era tamanho que, tão logo conseguira atingir o máximo do seu físico natural, iniciou uma incursão em incrementadores de desempenho. Primeiro, fez uma passagem breve por suplementos pesados, contendo substâncias duvidosas, até mergulhar de cabeça nos anabolizantes. Em pouco mais de 2 anos aprendera o que prestava e o que servia apenas para cometer um suicídio lento, não havia nada de qualidade que não tivesse tomado ou injetado. Sua dieta, aliada aos "venenos", como gostava de chamar, deram-lhe um salto biológico. Mas, como sempre acontece com tudo aquilo no que ficamos focados demais, nada era o suficiente e sempre aparecia haver um passo adiante.

Quando adentrou a pequena loja de conserto de celulares, Patrick, conhecido como Sierra pelo pessoal do meio Maromba, esperava-o ansioso e levava-o imediatamente para

os fundos. O local era um dos pontos mais quentes da cidade, quando o assunto era anabolizantes de qualidade.

— Está com a minha encomenda? — Questionou Fortuna.

— Melhor do que isso, estou com a sua encomenda e uma paradinha nova. Entregaram essa semana, saído diretamente de um laboratório americano. O fornecedor me disse que era lance de tecnologia militar, baboseira pra aumentar o preço.

Fortuna olhou com curiosidade a ampola que continha um líquido lilás quase fluorescente, ao mesmo tempo que aquilo não parecia nada bom, era quase maravilhoso.

— O que é isso? O que isso faz? Qual a eficácia? — Questionou.

— Isso é o TremboSierra, um nome personalizado, vai ser o meu carro chefe em breve. Não sei exatamente o que tem aí dentro, mas faz com o que teu corpo ultrapasse a própria capacidade...

— E você realmente acha que vou injetar em mim um trem que ninguém sabe o que é? — Disse Fortuna, com um ar sarcástico.

Olharam-se brevemente, sabiam que se tinha alguém disposto a injetar um anabolizante desconhecido em si mesmo, esse seria o Fortuna.

— Então me dá esse daí mesmo! Ah, e o pacote, claro! — Sierra sorriu e separou o pedido, enquanto Fortuna colocava tudo em sua mochila.

Naquela noite, Fortuna se trancara no banheiro para iniciar seus ciclos. Porém, decidiu aproveitar que seu organismo estava "limpo" para testar apenas o novo produto. Sem grandes ponderações, injetou-o rapidamente e, para a sua surpresa, não sentiu nada, embora fosse quase visível o líquido entrando por suas veias. Se ele pode dizer que foi dormir como em qualquer outro dia, não pode dizer o mesmo de quando acordou, pois se levantou apenas duas horas depois como se tivesse descansado por dias e dias. A energia

que sentia dentro de si era a de uma usina nuclear, havia algo diferente em tudo, quase como se fosse feito de puro aço.

Pegou a mochila de treino e, sem dizer uma palavra para a esposa, correu para a academia, sentia que seria um grande dia, que tudo estava ao seu limite. Usava a academia da universidade onde trabalhava, o local estava sempre vazio, sem monitoramento, seria perfeito para qualquer teste. Ignorou o aquecimento, que sempre fizera rigorosamente, indo direto para o que viera fazer ali. Iniciou com uma carga normal e com 40kg no supino parecia como se estivesse levantando um cotonete, subiu até o limite que a barra aguentava, nada lhe rendia um suspiro a mais. Passara a manhã entortando as barras e equipamentos, rebentou os cabos da maioria deles, nenhum peso fazia diferença, sentia-se finalmente como uma verdadeira divindade.

Perto do meio dia, imaginando o que faria logo a seguir e preparando-se para comer algo, embora não sentisse fome, algo mudou. Suas pernas começaram a enrijecer-se, o efeito foi tão rápido, que de sentir a letargia corporal à não conseguir sair do local, foram apenas alguns passos. Estava no meio da academia quando viu os pés tomando uma cor cinza fosco, quase um chumbo, as pernas já não respondiam e, embora de pé, não se movia para qualquer lugar. Achava que a droga deixara-o louco, não era possível que suas pernas tenham ficado tão rígidas quanto uma rocha, foi tentando puxá-las que suas mãos ficaram soldadas nelas, tomando a mesma cor que, em progressão virulenta, agora passara da sua barriga. Tão rápido quanto a sua alegria viera, Fortuna ficara totalmente paralisado, de pé tentando puxando uma das pernas, como um monumento ao esforço do próprio movimento. Estava consciente, esperando que o efeito da droga passasse, retirando da alucinação e da paralisia, que tinha esperança de ser momentânea.

Passaram-se algumas horas até que os seguranças entrassem, Fortuna quase enlouquecera pensando que nunca seria encontrado com vida, agora criara uma pequena esperança de que, no hospital, pudessem ajudá-lo. Acontece que a surpresa dos guardas foi traduzida no mais puro terror para ele:

— Como diabos essa estátua veio para aqui? — Perguntou um dos vigias, coçando a cabeça.

— Deve ser de ferro puro! — Afirmara o outro, batendo no que antes fora o ombro de Fortuna.

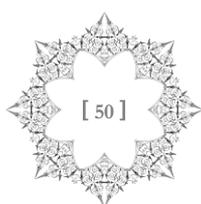
Mas... como??? Ele estava lá! Podia pensar, sentir medo e agonia. Sua mente quase perdeu-se, que tipo de droga faria aquilo? Era impossível, provavelmente estava alucinando.

A notícia logo espalhou-se pelo país, um trote com uma estátua de puro aço, com a mesma fisionomia de um funcionário sumido. Alguns diziam que tinha mais de meia tonelada e que seria impossível colocá-la naquele local sem retirar as janelas, o que foi um fato quando retiraram-na. A coincidência logo foi ligada ao caso do Acre, muitos diziam que ele queria chamar atenção, que logo apareceria com alguma bugiganga para vender, um viral. A esposa, de angustiada, convenceu-se que ele havia cansado daquela vida, afinal era bom demais para todo mundo, que era um egocêntrico que tornara até a sua fuga um ato midiático. O fato é que, depois de alguns meses, ninguém mais ligava, o assunto era outro e sua história só servia como conteúdo para canais de mistério no youtube.

Então, em uma bela manhã primaveril, uma boa senhora aproximou-se da estátua, olhando com uma estranha satisfação para a sujeira que os pombos fizeram naquele pedaço de aço. Ela cochichara com uma voz serena sobre o dia em que Fortuna tirara seu neto do carro aos pontapés, uma fechada no trânsito que teve continuação em um semáforo. Um bom jovem, ela disse, problemático mas bom! Falara como a ingenuidade do Sierra, causada pela ganância por um lucro fácil, foram aliados provenientes em seu plano para injetar aquela antiga magia ancestral.

— Você atravessou nosso caminho meu filho... agora não atravessara o de mais ninguém. — Finalizou a velha, sorrindo e dando adeus.

Seu último martírio foi quando fora doado para ficar no jardim de uma propriedade dos Correios, afinal, a Universidade não queria mais aquele circo midiático que atraía jovens crédulos, sedentos por alguma experiência especial em suas deprimentes vidas. E foi assim, que Fortuna passara os seus dias, olhando para o trabalho daqueles que tanto odiara, sentindo uma energia infinita, mas sem poder dar um passo sequer...



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful, patterned skirt, stands in a field of tall grass at night. She holds a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a chimney, surrounded by dark trees under a dark sky.

APRESENTAMOS O CONTO

CANTO 2.0

POR LUCIANO KENDZIERSKI

Sobre o autor: Luciano é pai de dois filhos, casado, servidor público e escritor amador de contos.

Conforme acelerava a sua moto, atravessando a MG-158, Miguel sentia a ansiedade aumentando como um balão que se enchia lentamente no seu estômago. Ainda não conseguia acreditar que a linda morena que conhecera através de um grupo de *whatsapp*, e com quem conversara por meses a fio, finalmente aceitara a proposta de encontrar-se pessoalmente com ele. O encontro era mais que desejado, e por muito tempo foi tema dos sonhos mais íntimos dele, que ficavam mais comuns conforme o contato deles se intensificava em tempo e sentimento. Em nenhum momento pensou nos quase 400 km que os separavam, ou mesmo nas mais de 5 horas que precisaria para chegar ao destino, tudo que importava é que aquilo, aquele simples "quero", significava algo palpável, que ultrapassava o volátil interesse virtual. Isso tornaria as coisas ainda mais reais e, por consequência, mais intensas.

Ao chegar, viu que a cidade do interior mineiro apresentava casas de aparência antiga, com pesadas telhas de barro e parecer pintadas com cal, algo que o lembrava muito da vizinhança de sua avó, em São Paulo quando era pequeno. Embora não fosse uma comunidade tão pequena quanto ela fazia parecer em suas longas conversas on-line, era estranhamente acolhedora. Não levou muito tempo andando para avistar a igreja que recebera como ponto de referência para o encontro, uma vez que junto de um pequeno prédio, era uma das únicas duas edificações de grande porte na cidade, mas assim viu o balão de ansiedade que carregava finalmente explodiu. Imediatamente seu corpo inteiro foi tomado de um suor frio, conseguia sentir as mãos molhadas começando a ficar trêmulas e o coração quase parando. Não se lembrava de ficar assim por qualquer outra mulher em sua vida, e começou a imaginar que se a simples visão do ponto de encontro o transtornara daquele jeito, o que poderia acontecer quando a visse, ou a tocasse. Ele já não conseguia compreender-se, ou mesmo se reconhecer, tudo ia contra seus instintos mais primários e ele sentia que algo dentro dele estava mudando. Sempre fora um homem apegado aos palpável e ao que pode ser comprovado e testado, era apenas isso que o permitia ter controle e planejar. A inconstância e imaterialidade da situação dava uma falta de controle, que normalmente o fazia espumar de raiva e insatisfação. Mas, isso era o normal dele e essa palavra vagamente fazia sentido agora, a normalidade se foi há tempos.

Assim que parou a sua moto em uma rua larga que era usada como estacionamento da igreja, ele a viu sentada nas escadas. Assim que colocou os olhos em

sua amada, um calafrio correu pela sua coluna, fazendo gelar a alma e criando uma terrível sensação de desespero tomou conta de todo o seu corpo. Foram milissegundos angustiantes, superados apenas por uma sensação incrível de esperança e ternura que tomaram seu coração logo em seguida, disparados pelo primeiro sorriso que apontou que ela o identificara, mesmo com o capacete.

Isa era uma mulher jovem e bonita, aparentando no máximo 22 anos, tinha a pele morena com traços indígenas e um longo cabelo preto que escorria até a sua cintura. Estava vestida de forma casual, com um vestido de alça branco que ia quase até os seus joelhos e um tênis rosa. Para Miguel aquilo era como o vislumbre de algo sagrado, sua vontade era de ajoelhar como quem adora um esplendor, o sorriso a voz e a maciez da pele dela eram quase que hipnótico, ao ponto de sequer questionar o momento de terror imediato ao vê-la.

As apresentações eram desnecessárias, já haviam se conhecido até demais através de suas conversas e exposições sensuais nas longas chamadas de vídeo que atravessavam a noite, e dilaceravam a solidão tão cotidiana, e antes desejada, na vida dele. Embora estivesse ávido para consumir aquela relação de forma carnal, era um homem educado e paciente, tinha reservado um hotel para os 4 dias do feriado de carnaval. Conversaram brevemente sobre futilidades, a fim de quebrar o gelo, conversa essa que foi interrompida por um beijo tentado por Miguel, que sentia-se à beira da sanidade a cada minuto que escutava a voz de sua paixão. Ele já não conseguia segurar-se na presença dela, era algo tão impulsivo quanto um viciado na presença de sua droga. O beijo fora completamente aceito e devolvido por Isa, que propôs que eles fossem andar pela cidade, ela queria mostrar alguns pontos da cidade que ajudariam a passar logo o dia, pois a noite seria incrível. Essas palavras foram marcadas na cabeça dele, não apenas pelo que elas significavam efetivamente, mas pela empolgação que ela demonstrou, pelo sorriso frenético que deixou escapar, e pela volta do calafrio que isso tudo causou.

A tarde passou rápido, as visitas aos "pontos turísticos", que apenas uma cidade com aquele tom interiorano poderia oferecer, iam de uma pequena gruta de onde escorria água cristalina vinda da fenda em uma pedra, local adorável, mesmo que aquela fenda aparentasse ser a entrada de uma caverna mais vasta complexa, à uma padaria local onde

Isa trabalhava atendendo o povo local. Miguel notara que ao longo do dia havia recebido muitos olhares sorrateiros, as apresentações eram sempre acompanhadas de certa indiferença, pensou que fazia parte da chegada de um novato à uma comunidade onde todos se conheciam. Assim, logo que pode, deixou esses pensamentos de lado e se convenceu de que o certo era focar apenas na sua companheira. Afinal, era o primeiro dia do resto dos dias deles. Era só o que pensava, a partir daquele momento, só a Isa lhe importava, e se estava bem para ela, estava bem para ele.

Quando a tarde deu os primeiros passos para tornar-se em noite Miguel já estava em estado de êxtase, mal conseguia raciocinar e tudo pensava e desejava era a sua adorada. Parecia embebedado da presença da sua amada, não lhe importava o que custasse sua existência parecia ser não apenas para amá-la, mas era ela em si. A desconfiança que iniciou-se durante o dia já fazia parte de uma memória esquecida, e tudo parecia um sonho. Tudo parecia emanar uma luz celeste, o céu tinha uma cor linda, como nunca antes houvera visto. Tudo era mágico, e cada palavra que aquela linda boca pronunciava era como uma flecha que o atingia em cheio, como ordens diretas, não para sua mente, mas para seu coração e sua alma. Mesmo quando ela disse que era o momento, e que só então ele percebera que a noite havia enegrecido a abóboda celeste, e que as horas não faziam mais sentido algum, ele conseguiu sair de seu estado de pura adoração. Não houve um resíduo sequer de resistência ou questionamento quando ela falou que não iriam passar a noite no hotel, mas em uma gruta no meio da mata, Miguel apenas aceitava o que lhe era dito, como um computador cuja existência se resume à aguardar o comando de seu mestre, e isso era tão natural pra ele agora, quanto era respirar.

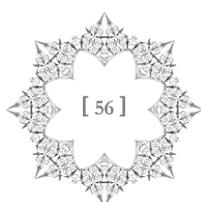
Eles atravessaram a cidade em direção à uma vasta zona de mata. Para ele tudo era brilhante e vívido, as casas e sobrados se mexiam e dançavam para festejar a passagem dos amantes, a consumação do que, para Miguel, fora cosmicamente planejado, a união em carne e espírito. Adentraram em uma floresta e caminharam por um longo tempo entre as árvores, as folhas que passavam em seu rosto sinalizavam o quanto o corpo dele estava amortecido, ao ponto de sentir como que carícias os galhos e espinhos que arranhavam e cortavam sua pele. Nada era estranho ou importava, pois tudo era brilho e beleza, tudo era ela e ela era tudo.

Chegaram à gruta e ele notou que a entrada parecia uma boca aberta, as pedras pareciam dentes afiados prontos para devorá-los e o pequeno córrego que corria de seu interior era como uma língua traiçoeira. O interior era composto de uma grande câmara com uma piscina natural, alimentada por um rio subterrâneo que serpenteia um túnel, pouco podia ser visto por causa das sombras. No meio do espelho d'água, havia uma pedra que figurava como uma pequena ilha, seu formato era como o de um altar. Ao contrário da parte de fora, tudo ali era sombrio e asqueroso, a escuridão parecia composta não por sombras, mas por um lodo negro e fétido. Caminharam até o altar como se não existisse a piscina natural ao redor dela, Miguel sequer conseguia identificar se nadaram até lá ou simplesmente caminharam sobre as águas, só havia ela puxando-lhe pela mão e mostrando o caminho que deveria e desejara. Finalmente chegara a hora, ela o deitara na pedra que agora serviria de cama, subiu por cima dele e falou as mais baixas atrocidades ao seu ouvido, tudo era tesão e sentidos. Apenas nesse momento é que Miguel escutou o barulho dos tambores, que ecoavam milhares de vezes na caverna e em sua cabeça, ele olhou e viu aquelas mulheres de aspecto tenebroso, com membranas e barbatanas, mas sua amada o havia puxado pelo rosto e beijado tão profundamente que nada mais poderia importar. As horas seguintes trataram-se apenas de desejo e luxúria, não havia proibido ou moral, assim não havia descanso, tudo que existiu naquele momento foram os dois e mais nada. Em meio a todo aquele caos ele viu os olhos dela brilhando em um tom esverdeado, a chama foi engolindo-o pouco a pouco, e quando a pergunta foi feita, ele disse sim até cansar, pegou a faca de pedra que ela lhe dera, cortou o estômago logo abaixo do plexo e enfiou a mão dentro de si mesmo, arrancando e entregando seu coração. Tudo era surreal e a dor lancinante nada se comparava aos olhos de Isa ao ver e devorar o órgão ainda quente e pulsando. E na primeira mordida ele veio, o nada. Foi como mergulhar de uma viagem de drogas pesadas diretamente na sobriedade, não sentia mais o tesão, ou a disposição e praticamente não sentia o cansaço, nem mesmo a sua amada totalmente suja de uma lama enegrecida lhe causa nojo ou terror. Tudo era um vazio infinito, e nenhum sentimento povoava mais a sua mente.

Isa levantou-se sorrindo e, mesmo sem qualquer indício de questionamento por parte de seu parceiro, explicou que ele teria uma vida melhor, que não haveria mais tristeza ou horror, e tudo isso pelo pequeno preço de tudo aquilo que o fazia humano, sua alma e seus sentimentos. Miguel só conseguia simular uma espécie de desespero por

entender que isso seria o resto da existência dele, mal prestou atenção no resto da história que ela contou sobre sereias e como as pessoas transformaram em uma fábula totalmente fora da realidade, mesmo quando ela riu de forma jocosa os mitos de que elas cantariam para atrair os barcos e marujos para os corais, ou a sua correção de que "eram eles que se atiravam lá por não conseguirem conviver com o dom que elas lhes deram", tudo isso residia enterrado em seu subconsciente. O que ele ouvira, com muita atenção, foi que deveria sentir-se premiado por ter alimentado uma rainha e, quando os primeiros indícios de insanidade começaram a borbulhar na face dele, ela ordenou que ele se fosse e foi o que ele fez, instintivamente e sem olhar para trás. Só foi notar que já era dia quando chegou à cidade, atravessando o caminho todo quase sem se dar conta do que fazia. Indo diretamente para sua moto, se deu conta do motivo para a apatia daqueles moradores, que tanto lhe constrangera, sem se apegar em nenhum momento deste pensamento, ou em qualquer outro. Apenas subiu em sua moto e saiu. No caminho se perguntava como poderia isso acontecer de verdade, que a realidade não poderia aceitar isso. De nada adiantavam as explicações ou o quanto ele tentava racionalizar, havia apenas um fato real e palpável, ele não estava sentindo nada. Ele sabia que haveriam novas vítimas, mas será que existiriam outras do tipo dela por aí?

Longe dali, em Goiás, o jovem policial Gustavo andava em seu carro em outra rodovia qualquer, indo ao encontro de uma linda morena que conhecera em um grupo de *whatsapp* e que rapidamente lhe roubara o coração e os desejos mais profundos. Ele sabia exatamente onde iria encontrá-la, o que jamais desconfiaria é dos laços tribais de Priscila com a mineira Isa, e como ele terminaria o dia sendo roubado de seus bens mais valiosos...



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful, patterned skirt, stands in a dark, wooded area at night. She is holding a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a chimney. The scene is dimly lit, with the lantern providing the primary light source.

APRESENTAMOS O CONTO

○ CAPA PRETA

POR MARLON RIBEIRO

Sobre o autor: Marlon Ribeiro nasceu no interior do ceará e sempre gostou de brincar com a escrita. Autor do livro A Nova Vila Nova, hoje mora em Curitiba, onde trabalha em outros projetos.

Uma coisa curiosa sobre histórias que envolvem o sobrenatural, é que na maioria das vezes elas aconteceram com os outros. Porém, passei a dar mais atenção a esse tipo de relato nos últimos anos, principalmente porque pude protagonizar uma dessas histórias.

Aconteceu dois anos atrás, no interior do Ceará. Um amigo e eu vínhamos da cidade vizinha, de moto, e já era por volta de três horas da madrugada. Conversávamos qualquer coisa em voz alta, tentando não nos importar com o vento frio. Foi quando percebi um vulto de canto de olho, mas meu amigo havia acelerado a moto naquele momento, e quando olhei, não pude ver nada. Chegamos em nossas casas em paz, cansados da festa de aniversário na casa de um outro amigo.

Foi só no dia seguinte, quando acordei, que fui saber das notícias.

— Ficou sabendo, João? — perguntou minha prima.

— Sabendo o que? — falei.

— Sabe aquele senhor que morava no caminho, indo pro sítio de tio Lelê?

— Sei, na rodovia.

— Então, parece que acharam o corpo dele hoje de manhã, tinha sido esfaqueado.

— Coitado — falei lembrando que passei por aquela mesma estrada de madrugada — E já acharam quem matou?

— Ainda não, mas a polícia tá investigando.

Assassinatos acontecem a todo momento, principalmente com pessoas que não conhecemos, e tendemos a não nos importar por muito tempo. Não foi diferente daquela vez.

À noite eu saí com meu amigo Jorge, o mesmo que estava comigo noite passada. A gente comeu um hambúrguer e depois ficamos na praça da cidade, falando sobre ele quase ter ficado com uma colega da faculdade. A conversa foi mudando e as horas se passando. Quando vimos, já era perto de uma hora da manhã, e ele tinha que acordar cedo no dia seguinte. Nossas casas eram próximas, e fomos caminhando. As ruas estavam todas desertas àquela altura, a não ser por algum carro que passava de vez em nunca, ou os cachorros que latiam em algum lugar. Havia uma escola no nosso bairro, com um terreno vazio do lado. Eu estava rindo de alguma cena de filme ruim, quando Jorge chamou minha atenção.

— Minha nossa! — disse ele — Susto do caramba, o que foi isso?

Olhei rápido para o lugar que ele estava apontando, mas não vi nada.

— O que foi? — falei mais calmo, depois de não ter visto o motivo do susto.

Jorge deu passos cautelosos, esticando o pescoço para tentar enxergar alguma coisa.

— Vamos sair daqui — ele disse — Anda logo, vamos. Só anda.

— O que foi? Você viu alguma coisa ou tá me zoando?

O acompanhei com os passos apressados, ambos olhávamos para trás o tempo todo.

— Sério — insisti — o que era?

— Você não viu? Sei lá o que era aquilo.

— O quê?

— Não sei, velho. Eu vi um cara parado, todo de preto, com capuz na cabeça.

— Você tá me zoando — zombei — e eu achando que era sério.

Desta vez até ele pareceu rir.

— Sei lá, cara, um maluco de dois metros, parado igual um fantasma, parecia a morte.

— Tá bom, aí quando eu olhei, ele correu, não foi?

— Eu pisquei o olho e ele não tava mais lá.

Jorge e eu continuamos caminhando. Vimos um casal de namorados se beijando, encostados num muro, e Jorge pareceu se sentir mais seguro vendo outras pessoas.

Ele ficou mais calado dali pra frente, e nossas casas já estavam próximas.

— Vai lá — falei — só cuidado pra morte não aparecer no seu quarto.

Aquela semana passou e descobriram que o senhor encontrado morto havia sido assassinado por seu filho, que foi preso e confessou. Ele havia matado o pai, já de setenta e nove anos, para ficar recebendo a aposentadoria do velho. Em toda cidade do interior, o falatório é inevitável, e aquele foi o assunto durante um bom tempo. No sábado, uma semana depois do assassinato, Jorge me chamou para ir com ele na casa de um pastor da cidade. Eu não entendi muito bem o pedido, mas como ele frequentava a igreja a cada uma ou duas semanas, não tive por que estranhar. Pelo menos até chegarmos lá.

Depois de uma conversa amigável com o pastor, Jorge e ele começaram a se olhar como se tivesse chegado a hora de algo previamente combinado. Certamente já tinham conversado antes. Jorge se levantou e o pastor abriu a bíblia.

— Feche os olhos — disse o pastor — Eu quero que você se concentre no que viu, e quando eu libertar o encosto de você, a luz de nosso senhor vai destruir essa lembrança ruim, e o demônio não vai mais te atormentar.

O rito começou, com orações e leituras de trechos bíblicos. O pastor colocou a mão na cabeça de Jorge e em dado momento, começou a falar em Línguas, num tom enfático e

com movimentos violentos. Jorge começou a tremer o corpo, e eu me afastei. Sua cabeça era chacoalhada de forma brusca e suas mãos começaram a se contorcer, até que o pastor finalizou.

— Está liberto em nome de Jesus, nosso senhor, amém! — e tudo se acalmou mais. O pastor se afastou — Jorge, pode abrir os olhos.

Jorge obedeceu, com olhar meio zozzo.

— Como está se sentindo? — o pastor perguntou.

— Estou bem leve — disse Jorge.

— Você sentiu o poder de Jesus agindo sobre o satanás? — o pastor parecia certo da resposta.

— Senti — disse Jorge, emocionado — Obrigado, pastor — disse agarrando a mão do sujeito e dando um abraço.

— Te vejo nesse domingo, não vá perder o culto, em? - O pastor reafirmou — Não basta procurar Jesus só nos momentos ruins, temos que procurá-lo o tempo todo.

Após sairmos, pude enfim fazer a minha pergunta.

— O que foi aquilo?

— Cara, eu tava ficando maluco. Você não faz ideia.

— Por quê? — questionei.

— Sabe aquele dia que eu vi o bicho preto? Então, o pastor falou que era um demônio.

— E você acreditou?

— É que você não viu, velho. Eu que vi aquela coisa. Se fosse com você, estaria do mesmo jeito.

— Não vou discutir isso com você. Se você está se sentindo melhor, é o que importa.

— Vou te contar um negócio, mas não é pra rir.

— O quê?

— Sabe aquele dia que a gente veio da festa?

— Sei.

— Então. Eu olhei pro lado e vi um homem alto, de capa preta. Ele tava olhando pra gente. Aí eu acelerei a moto.

— Mas você tem certeza do que viu?

— Tenho, cara. E o pior é que foi no mesmo lugar onde acharam o corpo do velho morto. Exatamente no mesmo canto.

— Se é que você viu mesmo esse cara naquele dia, por que viu de novo perto da escola? Sendo que lá não morreu ninguém.

— Não sei. Vai ver ele me seguiu porque eu vi ele naquele dia.

— Ou vai ver era o filho do senhor que foi assassinado. Ele matou o pai naquele noite e a gente passou por ele. Depois ele ficou te seguindo porque você viu quem tinha sido.

Jorge pareceu não ter pensado daquela forma até então.

— Será, mano? — pensou mais um pouco — Nossa, será que era o filho do cara?

— Bom, pelo menos ele foi preso já, então não teremos mais problemas com isso.

— É verdade — Jorge pareceu concordar — Só sei que não quero nunca mais pensar nisso.

Mais uma semana havia se passado e meu tio Lelê me chamou pra passar o sábado no sítio dele. Eu aceitei e convidei Jorge para ir comigo. Chegando lá, passamos o dia ouvindo música, assistimos TV e meu tio fez o churrasco. Depois que anoiteceu, começou a ventar, então alguém teve a ideia de acender uma fogueira para o frio. Acho que já era umas onze horas quando me levantei para esticar as pernas. Apesar de não estar tão tarde, a calma no sítio fazia parecer que já era duas da manhã. Eu fiquei olhando pro céu, havia uma estrela bem grande perto da lua. Ou vai ver era um planeta, não sei dizer. Fiquei encarando a mata, sentindo o vento e vendo o balançar dos galhos e das folhas. Retornei minha visão a roda em volta da fogueira, com meus tios rindo e falando alto. Lá estava mais quente e confortável, mas quis continuar aproveitando o vento. Então me virei para olhar o mato outra vez. O homem de capa preta estava parado a poucos metros, na minha frente. Não acreditei quando vi, mas não era questão de acreditar ou não. Eu estava vendo com meus próprios olhos. Lembrei do vulto que tinha visto na rodovia e que neguei a mim mesmo. Agora não tinha como negar. Eu corri desesperado, meu coração querendo sair pela boca. Olhei pra trás mais uma vez quando cheguei perto da fogueira e já não o vi mais.

— Que foi? — disse meu tio — Viu um fantasma? — os outros acharam graça.

— Jorge, quero te mostrar uma coisa — disse, chamando ele para um lugar mais reservado.

Jorge se levantou e me seguiu.

— Mostrar o quê?

— Cara, eu vi.

— Viu o quê?

— O homem de preto. Ali no mato — aponte.

Jorge pareceu ficar pálido.

— Então não era o cara que foi preso, João. O pastor tava certo. O que a gente vai fazer agora?

— Não sei, nunca vi um negócio desse.

Ficamos discutindo um bom tempo, até que meus tios entraram para a casa, ambos já iam dormir. Jorge e eu não íamos ficar sozinhos lá fora, então entramos também.

Quando o dia amanheceu, tomamos café e voltamos a discutir o assunto. De alguma forma a luz do dia nos fazia temer menos a situação. Perto da hora do almoço, minha tia voltou da casa da vizinha, com uma informação que nos trouxe um certo alívio, porém deu início a um novo problema.

— Ficaram sabendo? — disse minha tia — Sabe o filho de Seu Manin, que foi preso semana passada?

— O que tem ele? — meu tio perguntou.

— Tão dizendo que ele fugiu da cadeia. Imagina só.

O assunto continuou entre meus tios, mas não importava muito para nós. Olhei para o rosto de Jorge e depois que ficamos sozinhos, começamos a discutir o que faríamos.

— Esse maldito tá atrás de nós — falou Jorge.

— Temos que avisar a polícia — eu disse.

— Polícia não faz nada. Vai lá saber onde esse maluco está. Você viu ele aqui ontem, não foi? E se ele entrar na casa hoje à noite?

— Então não vamos ficar aqui hoje à noite, vamos pra casa. Eu digo pro meu tio tomar cuidado.

Assim fizemos. Falei pro meu tio que com o assassino a solta, ele devia tomar cuidado e trancar bem as portas. Por volta de umas sete horas da noite Jorge e eu montamos na moto e saímos do sítio. A estrada estava escura, mas ainda era cedo. Levaria mais ou menos uns cinco minutos até a rodovia. E um pouco antes dela ficava a casa do senhor assassinado. Jorge começou a diminuir a velocidade.

— O que você tá fazendo? — perguntei.

— Só dando uma olhada — ele disse.

— Cara, vamos embora. A gente já tá indo pra casa pra evitar problema e você para pra ver a casa do velho morto.

— Eu sei, mas olha — Jorge apontou.

Reparei melhor e a porta da casa estava aberta. Alguém havia entrado ali, pois no dia anterior estava fechada quando passamos.

Jorge parou a moto e desligou.

— Droga, vamos embora. O que você tá fazendo?

Jorge então pegou um pedaço de pau na estrada de terra.

— Se for o desgraçado, temos que saber, né? Temos que saber se esse cara quem tá seguindo a gente — ele falava num tom baixo — se fosse o capeta eu tinha medo, mas sendo um merda desse, eu boto ele pra correr.

Nos aproximamos mais da casa e Jorge olhou pela porta. Eu acabei ficando curioso e olhei também. Lá estava o filho do senhor assassinado, porém estava com roupas comuns e já velhas. Estava colocando alguns pertences num saco. Quando ele nos viu, se assustou tanto quanto nós.

— Você anda seguindo a gente, não é? — Jorge tomou coragem.

— Seguindo vocês o que, rapaz — o homem pegou uma faca na cintura.

— Eu não quero ver sua cara, em — Jorge apontou o pedaço de pau. Parecia falar com raiva — Fica longe da gente.

A situação era desconfortável demais para mim, e não pude fazer muito mais do que olhar.

O clima foi ficando mais tenso, até que consegui convencer Jorge a irmos embora. Quando saímos da casa, parado em frente a moto, estava o homem de capa preta.

Meu olho se arregalou e meu coração bateu desesperado.

— Que droga é essa? — ouvi Jorge falar.

Começamos a recuar, adentrando a casa sem perceber e pude sentir a pontada nas costas. O fugitivo me esfaqueou por trás e com a figura negra caminhando em nossa direção, Jorge não teve tempo de reagir. Quando se virou para encarar o homem na casa, foi esfaqueado duas vezes na barriga.

— Socorro! - gritei, chorando.

O sujeito que nos esfaqueou pulou a janela e correu.

Quando olhei para o meu amigo, vi que ele já não tinha reação. A figura de capa preta adentrou a casa, me encarando. Como a estrada e nem a casa tinham iluminação, consegui ver poucos detalhes além do seu contorno e olhos vermelhos.

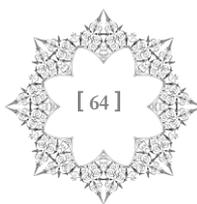
— Por favor — implorei — por favor, me deixa em paz — o choro e o desespero estava tão grande que eu não sentia a dor da facada.

O homem alto de capa preta me encarou por mais um tempo. Então voltou a se movimentar e se dirigiu até o Jorge. Eu queria ter feito alguma coisa, mas eu estava com tanto medo que aproveitei a chance e sai correndo. Eu montei na moto e pilotei até a cidade, na intenção de pedir ajuda, imaginando as mais terríveis coisas que já deviam ter acontecido com meu amigo. Ainda naquela noite, quando a polícia foi até lá, encontraram o corpo de Jorge. Ele tinha morrido com duas facadas na barriga e nada mais. Nunca acharam o tal homem de preto, mas conseguiram prender novamente o assassino foragido.

Quando cheguei em Minas e contei essa história que tinha acontecido comigo a um colega do trabalho, ele ficou impressionado.

— É o capa preta — ele disse — Minha vó falada desse homem. Uns falam que é um espírito e outros que é um anjo mensageiro. Ele aparece pra levar a alma do morto e quando é visto, acaba atraindo coisa ruim. Minha vó falava que se duas pessoas viam o capa preta, uma delas tinha que morrer. Porque enquanto um dos dois não morresse, os dois não viveriam em paz.

Se isso que meu colega falou era verdade ou não, eu não sei. Mas fui pesquisar depois e vi que histórias parecidas já tinham acontecido com outras pessoas. E agora quando passo por um lugar onde já morreu alguém, eu viro o rosto pra não correr o risco de ver o Capa Preta.





APRESENTAMOS O CONTO

O TROTE

POR NEUBA MARIA DA SILVA

Sobre a autora: Neuba Maria da Silva nasceu em 25 de agosto de 1969 no município de Rio Verde – Go. Filha de Sebastião Guedes da Silva e de Maria Aparecida da Silva. Professora de Língua portuguesa e ocupante da cadeira nº 33 da ALESG. Foi diplomada como membro da Academia de Letras do Extremo Sudoeste de Goiás – ALESG – em 2016. Já publicou o livro: “Chuva de emoção: vultos e sentimentos – poesia” pela Editora IGM em Quirinópolis- Goiás, participou da Antologia Literare janeiro 2021 do Clube da Literatura.

Já não aguento correr mais. Paro. Olho ao redor e vejo ao longe uma cabana. O sol já estava se pondo. Estou perdida nesta mata a mais de quatro horas. Estou cansada, com fome e com muito medo.

Era para ser um passeio feliz de final de semana. Todos estávamos felizes. Era uma fazenda inóspita com uma paisagem esplendorosa. Um lugar lindo. Um jardim magnífico e um pomar maravilhoso. Um caseiro, amigável com um olhar misterioso...

No sábado foi tudo mil maravilhas. Churrasco, bebidas, banho de cachoeira e uma roda de música ao luar. Foi então que senti um calafrio. Pensei que era o clima da natureza. Fui pegar um casaco no quarto em que estava dormindo. Foi só uns minutinhos.... Quando retornei tudo já havia acontecido...

Desesperada saí correndo e fui esconder em uma casinha lá no fundo da sede. Esperei amanhecer e saí correndo sem rumo e direção. Agora estou aqui perdida. À minha frente só a cabana ao longe. O que aconteceu? Me pergunto a todo instante? Será que foi o caseiro de olhar misterioso? Chego perto da cabana. Escuto vozes. Estou com medo. Será que vou até lá pedir ajuda?

Sento. Olho o céu e penso: “por que todos sumiram? E todo aquele sangue? E frase escrita na mesa: você é próxima? Meu Deus, o que faço? Não sei se vou ou se fico. Neste momento lembro do poema “Motivo” de Cecília Meireles “Não sei se fico ou passo”. Tomo a decisão da minha vida...

Encaro os meus medos e vou em direção à cabana. O coração está a mil. As pernas tremem. Não sei o que vou encontrar lá. Estou a cem metros. As vozes cessam. Penso que tudo é fruto da minha imaginação amedrontada. Cinquenta metros mais ou menos para a porta da cabana. Cheguei. Estava aberta. Empurrei a porta. E para minha surpresa...

Todos estavam lá. Sorrindo e fazendo algazarra. Fiquei muda e paralisada. Sem entender nada. E a noite passada? Foi um pesadelo? Não foi real? Então, O caseiro se apresenta e diz que é o Reitor da Universidade, e que tudo foi um trote por ter passado em primeiro lugar no curso de Medicina na Federal sem ter feito nenhum cursinho. E diz ainda que ficaram desesperados com o meu sumiço. Mas que conseguiram me achar e seguiram meus passos de longe. Desabo em um choro. Choro de alívio. Choro de felicidade... De repente ouvimos um grito ensurdecedor... Saímos da cabana e avistamos...



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful skirt with green, orange, and blue patterns, stands in a field of tall grass at night. She holds a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a chimney, surrounded by dark trees under a dark sky.

APRESENTAMOS O CONTO
AQUELA QUE CAÇA

POR NEY ALENCAR

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo, voluntário em projetos sociais voltados à criança e ao idoso. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná.

1537, Matas ao redor da vila de Arrecife dos Navios.

A mata agreste e virgem se estendia, inexplorada pelos pés dos portugueses, repleta de mistérios e segredos, como um animal fabuloso adormecido aos pés da vila!

O crepúsculo veio vindo com seu véu de sombras, apagando o sol devagar sobre os morros verdes, uma mãe da lua gritou seu chamado triste na distância, um bacurau piou agourentamente.

Uma sombra esguia correu pelos galhos de um velho jatobá e em um movimento sinuoso coleou para a terra preta. A onça parou por um instante farejando o ar, pressentia algo sobrenatural ali, alguma coisa que não pertencia àquele lugar. De detrás de um pau-brasil centenário a figura avermelhada de um índio surgiu ajustando uma flecha comprida no arco, os olhos apertados na presa prontos para o tiro.

Subitamente um vento soprou pela mata, trazia um odor mesclado de cobre e mel, a onça levantou a cabeça, o corpo tremendo de excitação e medo, com um pulo sumiu-se por entre os troncos das árvores, sem um som.

O índio baixou o arco, perdera sua presa, mas não o largou, havia algo estranho pelo ar, era caçador, sabia que onça não fugia assim sem motivo, continuou escondido na sombra da árvore, esperando. Escutou um barulho, um farfalhar dentro das sombras e viu outra sombra se destacar, uma sombra de homem mais escura que a escuridão na noite que já caía na mata.

A sombra avançou devagar, sem pressa, sem fazer barulho, o índio fascinado observava, era um espírito da mata, tinha certeza, talvez o Curupira, ou o Saci, o Anhangá, e o índio tremeu com esse pensamento. Uma réstia de luz de lua caiu por entre as árvores e o vulto apareceu por um momento nela, um arrepio que não era de frio correu pela espinha do índio, um pavor horrendo de que algo imortal o observava.

Lembrou-se das histórias que ouvira, as histórias do pajé sobre a chegada dos homens desconhecidos e do que eles haviam trazido em sua canoas gigantes, das histórias de desaparecimentos na mata, sobre corpos sem sangue que se levantavam mesmo depois de mortos e enterrados e que precisavam ser queimados para permanecerem mortos.

Mas aquele era diferente, a batina preta sobressaía na luz da lua, a gola branca mostrava que era um padre, a pele branca e os cabelos negros e compridos,

desgrenhados, mostravam que devia ser português, mas os olhos avermelhados mostravam outra coisa. Tarde demais o índio soube o que aquilo era!

Na luz mortiça da lua cheia ele viu a figura do padre que lhe sorriu com dentes alvos e pontiagudos, um sorriso faminto! O índio tentou fugir, mas antes que pudesse mover-se o padre está ao seu lado, um movimento invisível, uma dor aguda, o índio sentiu o coração pulsar muito forte, caiu ao chão com o corpo do padre já sobre o seu.

O padre Manoel de Alcântara sorriu, nunca foi tão fácil se alimentar, no velho mundo eles gritavam e se debatiam, mas ali eles apenas o olhavam e caíam e morriam e ele os bebia como se fossem frutas sumarentas! Deliciosas e frescas!

Enquanto estava se alimentando se deu conta que não estava sozinho ali, sentiu algo estranho, uma presença diferente de tudo o que conhecia. Por um momento a mata toda prendeu a respiração, tudo cessou por um instante apenas, um suspiro, um arquejo, ele soube que algo vinha até ele.

Ela veio na forma de um morcego grande, com quase meio metro de altura, voando, e pousou no chão. Tornou-se mulher, metamorfoseou-se diante do olhar fascinado do padre! Uma mulher, uma moça, branca de uma palidez bela e terrível, os cabelos como ouro novo brilhando no luar e os olhos negros como poços sem fundo. Vestia apenas um vestido curto de cor azul claro, que mal lhe chegava ao meio das coxas alvas.

O padre se levantou com os lábios ensangüentados. Seus olhos brilhavam de lascívia e desejo, nunca havia encontrado nenhuma como ela antes, tão nova, tão tenra, nem tão forte. O cheiro que vinha dela era como mel fresco! Mesmo aquele que o tornara o que era agora não possuía uma força como aquela. Ele podia sentir isso! Ela era indomável! Ele a olhou fascinado!

— Você... de onde você veio? Foi José que a fez?

Ela sorriu e se aproximou devagar, como um gato se aproximando de um rato.

— Foi Rodriguez? — ele perguntou curioso, a voz tremendo um pouco com a emoção. Ele deu um passo na direção dela e parou.

— Você não é daqui? Não entende o que digo?

— Eu entendo você! — a voz macia dela ronronou.

— Ótimo! — disse ele sorrindo com os lábios cheios de sangue.

Ela passou a língua pelos lábios vermelhos.

— Você deve estar faminta, não é? Aqui neste fim de mundo bárbaro.

— Eu gosto daqui! — sussurrou ela olhando o índio caído com um misto de curiosidade e raiva — De onde você veio?

— Lisboa! — falou ele rapidamente dando mais um passo na direção dela.

— O que você faz aqui? — o tom dela mudou um pouco para um tom mais ríspido.

Ele levantou uma sobrancelha curioso, mas respondeu.

— O velho mundo já não é o mesmo. A igreja Católica está movendo uma caçada contra nós pela França, Inglaterra e Alemanha. Logo ia chegar em Portugal e Espanha, antes disso nós aproveitamos a oportunidade e viemos para cá.

Ele sorriu mostrando os caninos proeminentes.

— Esse lugar é um paraíso! A abundância de índios e negros é fascinante, e a falta da influência da Igreja é providencial. Temos tudo o que queremos aqui! Podemos ser reis aqui!

O sorriso dela desapareceu.

— Vocês são como crianças. — sua voz agora era cortante como aço e seus olhos negros faiscaram — Vem aqui e acreditam que podem tomar o que querem e ser o que querem!

— Quem é você? — ele não sorriu e o medo transpareceu na sua voz, límpido como um peixe em uma lagoa cristalina.

Ela deu um passo na direção dele e ele recuou, se tivesse um coração ele teria batido mais forte com o medo que se apossou dele. Nunca mais havia sentido uma coisa daquelas, não desde que Joaquim o fizera imortal nas ruas de Lisboa.

— Você é como eu. Somos iguais! — a voz dele tremeu, desta vez com uma mistura de pavor e horror, pois ela não parecia igual à qualquer outro que ele encontrara nas terras do Velho Mundo.

— Você igual a mim? — ela riu uma risada debochada e dura como o aço — Não há ninguém igual à mim. Eu sou Leucippe das Menyades! Não há outro como eu nestas terras esquecidas dos Deuses!

Ele viu a morte nos olhos dela e ela lhe sorriu!

— O índio caçava a onça, você caçava o índio e eu... — explicou ela com um sorriso terrível e uma pausa gelada — Eu o caço!

Ele não escapou! Não podia! Ela se alimentou! Ele não ressuscitou!

*

1538, vila de Porto Seguro.

O grande casarão construído bem atrás da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena não estava abandonado, havia uma luz em seu interior, mas não havia homens vivos ali, aqueles que andavam por entre suas paredes já não se encontravam entre os vivos. Um deles, um espanhol alto com cabelos pretos e olhos verdes sentou-se em uma cadeira de espaldar alto e sorriu, os lábios vermelhos do sangue recém tomado, o corpo tombado aos seus pés.

— Não fique tão agitado José, logo ele deve estar chegando.

O outro, um português mais baixo e atarracado, com cabelos marrons e olhos pretos fustigava o fogo da lareira de forma veemente, havia algo ali que o incomodava, havia algo ali que não estava certo.

— Por que ele se demora tanto Rodriguez? Já devia estar aqui. Não faz sentido essa demora.

— Não se canse com isso, sabe como Miguel é arredio. Desde que você o tornou um dos nossos no navio que ele é assim. Sempre achei que deveria tê-lo deixado morrer. Houve uma comoção do lado de fora e uma batida forte na porta principal. Os dois se calaram. José foi até a porta e a abriu. Um homem vivo estava parado do lado de fora, seu olhar amedrontado mostrava um misto de pavor e horror inconcebíveis, quando a porta abriu-se ele correu para dentro e fechou a porta com uma batida.

— Sancho! — exclamou José espantando-se com a expressão desvairada no olhar do servo — Onde está o Padre? E Miguel?

O homem deu um suspiro e caiu ajoelhado à seus pés.

— Eles estão mortos! — sua voz saiu como um jato frio.

Rodriguez levantou-se e em um segundo estava parado ao lado do servo, o olhar férreo sobre seu rosto, os olhos vermelhos de ódio.

— Como aconteceu? Foram os homens de Dom Gonçalo? Ou os padres da Santa Igreja?

O homem a seus pés gaguejou:

— Eu a vi! Eu a vi e ela me deixou vivo para vir lhes contar, para vir lhes avisar!

— Ela quem, homem? — perguntou José aturdido com as palavras do servo.

— Ela me fez decorar o nome... — o homem pensou por um momento lembrando-se da palavra com cuidado — Leucippe, era esse o seu nome!

— Uma mulher? — perguntou Rodriguez rindo alto — Uma mulher fez isso?

Sancho engoliu em seco, o medo transparecendo em sua voz.

— Ela não era uma mulher, ela era como vocês e ao mesmo tempo diferente!

— Como um de nós? — perguntou José sem compreender — Não existem mulheres entre nós, não aqui pelo menos!

— E das poucas que existem, nenhuma delas seria capaz de lidar com o Padre nem mesmo com Miguel. — disse Rodriguez com um tom de escárnio na voz.

— Ela disse que era mais antiga! Era uma das Menaiadas, Meneiadas, um nome assim.

Rodriguez parou por um momento. Um frio gelado caíra sobre ele. Havia lendas mais antigas que ele, Joaquim havia lhe contado tantas, sobre suas origens, sobre aquele que o havia feito há muito tempo atrás, algumas dessas lendas vinham das Índias, mas outras ainda mais antigas falavam de três irmãs gregas, ele já ouvira aquele nome antes, sussurrado apenas, pois era terrível demais para ser falado. Mas ele era jovem, e não tinha medo de nomes antigos.

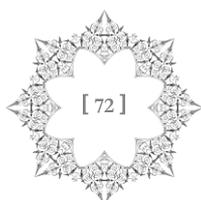
— Ela disse que era uma das Menyades? — perguntou ele e o som do nome pareceu ecoar no fundo de sua memória com uma advertência.

José afastou-se aterrorizado, pois também ouvira as histórias que Joaquim contara. Sancho confirmou com a cabeça, sem ousar pronunciar o nome.

— O que ela disse? — perguntou Rodriguez fixando os olhos vermelhos no homem.

— Ela disse que estava vindo atrás de vocês! – balbuciou Sancho tremendo.

Rodriguez ficou em silêncio! Foi então que ouviu! Lá fora, um bater de asas chegou até ele. Depois uma batida na porta, uma batida leve, e uma voz que sussurrava e ronronava ao mesmo tempo! E ele soube que ela estava ali!



A woman with long dark hair, wearing a long, multi-colored dress (green, orange, and red), stands in a dark, wooded area at night. She is holding a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a gabled roof and a chimney. The scene is dimly lit, with the lantern providing the primary light source.

APRESENTAMOS O CONTO

O UIVO

POR NEY ALENCAR

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo, voluntário em projetos sociais voltados à criança e ao idoso. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná.

“Ó carne, carne, como é cruel tua ilusão!”

1928, cercanias do Acre.

Os grandes seringais se espalhavam como um mar ao redor da pequena fazenda Puruana.

Naquele dia de calor os ventos da floresta faziam ondular as copas como ondas se agitando no mar e quem olhasse de cima poderia ver sombras pequenas e grandes se movendo por debaixo delas, como peixes passeando sob as águas.

Sombras de homens, índios, onças, antas e outras coisas que não tinham nome e se moviam mais perto do crepúsculo.

Pássaros voavam sobre aquela superfície verde, como peixes-voadores pulando pelo mar em cardumes coloridos, araras, rolinhas roxas e ciganas, e voando mais alto um gavião real procurava alimento.

Pelo chão da mata corriam inhambus, jaós e anhumas.

A tarde caía e o sol já estava quase posto no horizonte esmeralda, debaixo das copas já estava escuro e uma bela lua gorda e branca sobressaía do outro lado do céu.

Mais distante da pequena casa da fazenda João do Mato e Josemanso faziam sua colheita de borracha nas seringueiras dos limites da propriedade.

O velho índio Japirúna, acorado ao lado de um tronco de castanheira, pitava um cachimbo de barro e olhava a mata fechada para os lados da Serra da Contamana.

Distante soou um miado rouco de onça, os dois seringueiros pararam o que estavam fazendo e escutaram.

Não era raro ouvirem os chamados das onças naquelas paragens, mas aquele soou diferente.

Começou rouco e terminou esganiçado, abrupto, quase um grito afinado.

Os dois se olharam e olharam para o índio.

Ele havia parado de pitar o cachimbo e os olhos estavam arregalados de um jeito estranho.

— Que foi Japirúna? — perguntou Josemanso em voz baixo.

O índio apagou o cachimbo e levantou-se.

— Tem bicho novo na mata! Bicho estranho!

— Que é isso, homem! Foi só uma onça! — riu João fazendo pouco caso das palavras do índio.

O índio não falou mais nada e os seringueiros voltaram ao trabalho.

Terminaram de fixar as ponteiras e deixaram o líquido branco escoando para os baldes e cumbucas para a colheita.

Voltaram para a fazenda já no cair da noite.

A mata parecia mais viva do que antes, urutaus e mães da lua gritavam seus cantos espantosos e bacuraus piavam pelas moitas.

Quando voltavam o velho índio afastou-se dos dois e caminhou por um carreiro novo, ali ele viu uma coisa que o aterrorizou, pegadas redondas enormes, com rastros de garras profundas na terra e restos de animais que haviam sido devorados, não fazia muito tempo.

João e Josemanso olharam espantados para o índio que voltara correndo do carreiro.

— Que foi que você viu Japiúna? — perguntou Josemanso com um arrepio.

— O bicho novo está por perto. — falou o índio com medo na voz.

João do Mato entrou no carreiro e procurou pelo chão.

— São só pegadas de onça e restos de seus repastos, velho. Nada de mais! Tem muita onça por aqui. — falou ele ajeitando a espingarda no ombro.

— Não é onça não. — falou o índio — É outra coisa!

— O que é então? — perguntou Josemanso rindo — Algum fantasma da mata?

O índio deu de ombros e se calou. Continuaram pelo caminho sem parar.

De longe sentiram o cheiro do Tucupi cozinhando.

Quando entraram na pequena casa Tacuxi, neto do velho índio, já estava com a janta pronta.

Sentaram-se ao redor do lampião e comeram em silêncio.

Já iam se deitar quando um som esquisito ecoou pela mata lá fora.

Era um som arrastado e gorgolejante mais parecido com o uivo de um guará, João do Mato e Josemanso se olharam, não tinha guarás por aquela região, só muito mais ao sul.

O velho índio sussurrou para o neto:

— Anãpa-ipipi!

— Que foi velho? — perguntou Josemanso — que foi que você falou?

O velho novamente deu de ombros e ficou calado.

— Você quer fazer medo à ele é? Não tem nada lá fora não. Deve ser só um cachorro perdido. — Continuou Josemanso acendendo um cigarro de palha.

João do Mato recostou-se na parede de sapé e lembrou-se da infância.

Deixara o Pajeú bem novo ainda, mas se lembrava bem das histórias que a avó, mameluca, contava sobre os bichos que perambulavam pela noite naqueles sertões vagos.

A velha gostava de assombrar o menino com aqueles causos horripilantes, e o menino os ouvia bebendo cada palavra dela.

Agora depois de homem feito ainda se lembrava de cada causo, cada bicho!

— Deve ser lobisomem! — retiniu ele com a voz rouca — Hoje a lua está cheia!

O outro riu de gargalhar.

— Vocês estão querendo fazer medo ao menino! — e olhando para Tacuxi falou — Não precisa ter medo não. É só bicho da mata. Deve ser Jacucaca ou Mãe da Lua gigante.

O menino concordou com a cabeça, mas pelo rabo do olho olhou para o avô que baixou os olhos e balançou negativamente a cabeça.

João balançou a cabeça e tirou uma baforada do cigarro de palha.

— Não sei não. Só sei que nessas matas tem muita coisa esquisita, coisa ruim é o que não falta.

— Ah, lá vem você com suas histórias de fantasmas de novo! — reclamou o outro.

— Bem teve um caso muito comentado lá pelas bandas de Panelas, lá perto da minha terra. Já faz bem uns cinquenta e tantos anos. Mas não foi um lobisomem igual àqueles que a gente ouvia nas histórias do Pajeú não, foi um outro tipo, esquisito, meio índio. — contou ele olhando para o velho com um sorriso — Ele já deve ter ouvido falar do nome! Era chamado Luison!

O velho índio sobressaltou-se!

— Não falamos sobre ele! Traz má sorte!

— Mas era esse o nome que estava falando pro Tacuxi não era?

O velho assentiu:

— Era Anãpa-ipipi! O nome que damos pra ele na nossa língua, em apurinã, pois ele vaga pelas noites arrastando a morte atrás de si. — explicou o velho com cuidado e numa voz arrastada. — Uma maldição do povo Guarani que vem nas noites de lua cheia! É o sétimo filho varão de uma linhagem de índios Guarani. Nas noites de lua cheia de terças e sextas sai para procurar bebes recém nascidos que ainda não foram batizados, para os devorar, ou para procurar mulheres grávidas para as atacar. É pouco diferente do lobo do velho mundo que os portugueses e espanhóis trouxeram, mais perigoso, mais voraz, com uma fome insaciável!

— Você acha que tem um desses por aí na mata? — perguntou Josemanso.

O velho olhou para fora, pela janela baixa, a lua alta no céu soltava uma luminescência pálida que cobria o terreiro na frente da casa com uma luz mortiça e esbranquiçada.

— Acredito sim! É nessas noites que ele vem!

— Mas o que ele quer aqui? — perguntou João curioso — Achei que ele só comia criancinhas e mulheres. Pelo menos é o que conta a história de Panelas!

— Ele procura crianças novas que não foram batizadas! — sussurrou o velho índio, olhando de lado para Tacuxi, o menino ainda tinha dez anos e que brincava com uns bonequinhos de barro cru.

— Ah, vocês estão querendo me botar medo! — gargalhou Josemanso quebrando o clima tenso — Não tem nenhum bicho desses por ai não! É tudo invenção!

O velho índio olhou para João.

— Vamos dormir, que já é tarde. — falou João apagando o cigarro.

Deitaram-se nas redes penduradas pelas paredes.

João ficou próximo à janela, dali podia ver a grande lua gorda rebrilhando no céu, nadando por entre as nuvens solitárias.

Uma modorra foi tomando conta dele e logo estava ressonando.

Tarde da noite, meio acordado meio dormindo, João pareceu escutar um som estranho, fraco, baixo, quase um nada, como o arranhar de unha comprida na parede de sapé.

Acordou assustado!

Um barulho grande de algo caindo ou pulando veio do lado de fora.

Uma correria louca e gritos.

Caiu da rede, assustado, e levantou-se rápido procurando a espingarda.

Josemanso acendeu o lampião, o rosto vermelho de medo, a luz clareou tudo dentro da casa de sapé.

João olhou para o companheiro sem entender nada.

O velho e o menino não estavam ali. As redes onde estes dormiam estavam vazias.

Os dois saíram para o terreiro, banhado pelo luar.

O velho índio Japirúna estava ajoelhado no meio do terreiro, as mãos estavam cheias de sangue, mas ele não parecia ferido.

Não viram o menino por ali.

— O que aconteceu Japirúna? Onde está Tacuxi? — perguntou João com a voz quase sumida pelo horror crescente.

O índio chorou:

— O bicho o levou! — falou ele numa voz embargada pelo medo e pelo terror.

Josemanso ia responder com uma piada ou algo assim quando ouviram um som.

Alto e gritante que vinha de dentro da mata escura.

Um som que arrepiou os cabelos de João com um terror nunca antes sentido e que congelou o sangue nas veias de Josemanso com um horror petrificante e surreal!

Um som arrastado e gorgolejante que ecoou agourento pelo meio da mata, silenciando todos os outros sons ao redor!

Um grito apavorante!

Era o uivo do Luison!





APRESENTAMOS O CONTO

O CAMINHONEIRO

POR RAPHAEL RODRIGO

Sobre o autor: Raphael Rodrigo conheceu a literatura aos nove anos e leu tanto de lá pra cá que as ideias dentro de sua cabeça acabaram vazando. Conseqüentemente, teve que escrever. Muito especulou sobre as coisas que terminou se formando em filosofia. Escreve no site <http://www.ocantodourutau.com> e publicou de forma independente pela Amazon a novela de horror Motel Cadillac. Nas horas vagas entrevista monstros indescritíveis na tentativa de capturá-los em uma narrativa.

Acordou sentado de mau jeito sob a sombra de um bar abandonado. Que lugar era aquele? Como chegara até ali? Não se lembrava de ter bebido na noite passada. Aliás, fazia muito tempo que não sabia qual era o gosto de um bom uísque.

Estava quente, o Sol lá no alto queimava a longa BR fazendo ondas de calor confundir a sua visão. Levantou-se com certa dificuldade, tirou a poeira de sua calça olhando para o horizonte, tentando colocar a mente em ordem. Logo recordou-se que estava hospedado em um hotel. Era só seguir a estrada abaixo, talvez não estivesse tão longe. Olhou para o relógio em seu pulso:

10:44

Passou a mão pelos cabelos. Estavam úmidos. Soltou um muxoxo. Deveria ter saído com a carga há uma hora. Rapidamente começou a caminhar estrada abaixo. Haviam outros bares abertos por ali. Estava faminto, mas precisava chegar logo e sair com aquela carga, talvez levasse algum lanche para comer enquanto dirigia, mas no momento só pensava em chegar ao velho hotel, embora a barriga reclamasse alto. Suava com apenas algumas passadas. Sua pele ardia. Os bares ficavam mais distantes uns dos outros à medida que avançava, logo não haveria nenhum, somente ele e a estrada mais uma vez.

Um caminhão passou em alta velocidade provocando uma leve, mas aliviante brisa.

Como fora parar debaixo daquele bar? Sua mente estava a mil. Será que nessas tantas andanças pelas estradas durante as madrugadas tinham acabado por gerar algum distúrbio do sono? Talvez um sonambulismo desenvolvido por conta de tantas noites insones?

Não!

Carla teria percebido isso.

A esposa sempre prestava atenção em tudo. Pensar nela o fez aumentar seu ritmo. Depois que entregasse a carga poderia correr de volta para casa, tirar alguns dias de folga, relaxar na rede assistindo TV com a mulher e as crianças, comendo comida caseira, sem se preocupar em chegar no horário.

Olhou para seus pés e parou. Tinha sangue em seu jeans. Imediatamente levou a mão sob o nariz. Também havia sangue ali.

Teria ele entrado em alguma briga?

Franziu o sobrolho tentando se lembrar de algo, mas a última recordação era a cama dura do hotel, a julgar pela dor nas costas. Continuou a caminhar tentando puxar da memória algum evento que lhe explicasse aquilo. Consultou novamente o seu relógio:

11:05

A vegetação rasteira começava a dar lugar a grandes touceiras de mato seco. Já não havia estabelecimento algum à beira da estrada, pequenas árvores também surgiam para incrementar o cenário solitário. A descida se tornava agora uma subida quase íngreme. Sua camiseta estava ensopada de suor. A estrada era uma imensidão deserta e silenciosa. Vez ou outra a quietude era quebrada por um veículo em alta velocidade. Quase no topo da subida encontrou os restos mortais do que fora antes um vira-latas. Um cheiro horrível invadiu suas narinas, sobre os ossos do cachorro havia uma pasta marrom que fora antes a pele do pobre animal.

Sua cabeça doía, era quase que insuportável, poderia pegar uma insolação, mas a vontade de chegar logo no hotel estava se tornando desesperadora.

Chegou ao topo.

11:19

Uma longa descida se estendia a sua frente por mais ou menos um quilômetro. Um longo e mal cuidado tapete de piche. Respirou profundamente antes de começar a descer a extensão.

As grandes touceiras de mato junto às árvores formavam uma parede a sua volta aumentando a sensação de isolamento. Caminhava lentamente. Os pés movendo-se automaticamente, ardendo a cada passo, como se pisassem em um chão forrado de brasas, a impressão era de que as solas de suas botinas derretiam. Sabia que seguia na direção certa, mas não se lembrava se aquela era realmente a estrada, recordava-se apenas do hotel e de seu caminhão.

O silêncio era pesado.

11:41

Estava na metade da descida, a cabeça baixa devido à forte luminosidade.

Junto à estrada o chão era de terra batida.

Há uns dez metros à frente avistou algo fincado na terra. Mas o que mais lhe chamou a atenção era que em volta daquele objeto fincado a vegetação era interrompida, um diâmetro sem mato ou árvore.

Mais algumas passadas e estava em frente ao local. O objeto em questão era uma cruz de madeira pintada de preto, havia nela letras brancas desenhadas toscamente.

Emilio Dias

16/05/1984

a

13/08/2020

Ficou ali parado contemplando a cruz por um tempo, ouvindo os carros que passavam ocasionalmente atrás de si. Já vira aquele nome antes, só não se lembrava onde.

Sem pensar levou sua mão ao bolso traseiro do jeans e tirou sua carteira de couro gasto.

Abriu-a.

Viu sua carteira de identidade e a puxou para fora, seus olhos caíram sobre a sua assinatura: Emilio Dias.

Olhou novamente para a cruz.

Era seu nome escrito lá!

Balançou a cabeça negativamente tentando entender aquilo tudo. Só podia ser alguma brincadeira de mau gosto.

Um carro estacionou lentamente atrás dele. Virou-se e caminhou em direção ao automóvel, o homem que estava dirigindo saltou para fora e abriu a porta traseira para que um garotinho descesse e urinasse ali perto do mato.

Ninguém pareceu notá-lo, sentada ao lado do passageiro estava uma moça. Caminhou até ela a fim de lhe perguntar sabe-se lá o que. Estava confuso. Mas o vidro do carro estava fechado e o que viu refletido não era ele e sim um monstro.

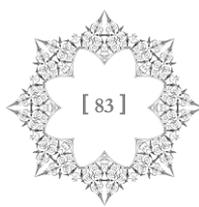
Quem estava no reflexo tinha um enorme buraco no lado esquerdo da cabeça, e o outro lado estava totalmente queimado. Sangue seco lhe cobria os ombros.

O homem colocou o garotinho no banco traseiro e voltou para seu lugar atrás do volante.

O menino olhou em sua direção e cobriu o rosto com as mãos, assustado, com pânico no semblante infantil. O carro acelerou e logo desapareceu na autoestrada.

Emilio ficou ali, ainda segurando sua carteira de identidade na mão. Sem perceber, caminhou para o meio da estrada, ainda balançando negativamente a cabeça.

Um caminhão em alta velocidade descia a BR, Emilio levou os braços frente ao rosto a fim de se proteger do impacto, mas a colisão não aconteceu. O caminhão passou através dele que caiu sentado no asfalto quente contemplando a cruz sobre seu túmulo.



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful skirt, stands in a dark forest at night. She is holding a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a chimney. The scene is dimly lit, with the lantern providing the primary light source.

APRESENTAMOS O CONTO

O ÔNIBUS QUEBRADO

POR RAPHAEL RODRIGO

Sobre o autor: Raphael Rodrigo conheceu a literatura aos nove anos e leu tanto de lá pra cá que as ideias dentro de sua cabeça acabaram vazando. Conseqüentemente, teve que escrever. Muito especulou sobre as coisas que terminou se formando em filosofia. Escreve no site <http://www.ocantodourutau.com> e publicou de forma independente pela Amazon a novela de horror Motel Cadillac. Nas horas vagas entrevista monstros indescritíveis na tentativa de capturá-los em uma narrativa.

Vila Magnólia é bem movimentada durante o dia, mas é a noite que a cidade desperta. Quando a claridade crepuscular vai embora permitindo que as lâmpadas de mercúrio derramem suas luzes amareladas sobre as ruas, as figuras mais ilustres põem a cara para fora, lotam os bares badalados e boates que dão o tom da vida boêmia.

Augusto estava presente na vida noturna da cidade, mas em relação à pândega, ficava do lado oposto, pode-se dizer que era integrante daquilo que as figuras ilustres se referem como a *outra espécie*, pois era *barman* do *Holiday Bar*.

Em uma noite de terça-feira, precisamente à meia-noite e trinta um, Augusto estava na Praça Central à espera de seu ônibus que só chegaria em vinte e nove minutos. Enquanto fumava um cigarro observava a movimentação do único lugar considerado *seguro* no horário. A Praça Central é uma extensão com pouco mais de cem metros à beira da rua, contém três bares funcionando vinte e quatro horas, inclusive nos feriados. São os únicos estabelecimentos da cidade em que se encontra bebida barata na madrugada, fato que acaba atraindo uma clientela não muito exemplar.

Cerca de sessenta por cento das pessoas que compõem a chamada *outra espécie* permanece no local durante as altas horas, seja para esperar um ônibus, tomar uma cerveja, comprar e vender drogas ou encontrar sexo a preço d'água.

Augusto mantinha seu boné à mão, não era seguro deixá-lo na cabeça, alguém poderia surrupiá-lo para trocar por pasta base, que é consumida sem malícia na frente de viaturas que por ali trafegam fingindo serviço. Terça-feira é a noite com menos movimento, o que permite à *outra espécie* ir dormir mais cedo.

Augusto tirou seu celular do bolso, sempre atento aos movimentos dos outros, discretamente pôs os fones nos ouvidos e tentou relaxar na melodia de uma banda que gostava. Depois de três músicas o ônibus encostou. Lentamente foi lotando. Augusto sentou-se perto da catraca, olhou para trás para ver se via algum amigo, mas só notou conhecidos: pessoas que pegavam o mesmo ônibus todas as noites, gente com quem a conversa se limitava a um simples cumprimento ou acenar de cabeça. Algumas garotas ao fundo do carro começaram uma pequena baderna. Augusto pôs seu aparelho no volume máximo no intuito de abafar qualquer ruído incômodo.

O ônibus seguiu o trajeto a uma velocidade razoável, Augusto adormecera com a brisa que entrava pela janela combinada com a melodia suave de sua *playlist*. De repente,

houve um grande solavanco e Augusto foi jogado contra o banco da frente. Os fones caíram de seus ouvidos e ele pode ouvir todos reclamando e xingando o motorista:

Acha que tá carregando tua mãe, ô!

Isso aqui não é caminhão de boi!

O motorista se pôs de pé e apontou para a frente do veículo que expelia uma fumaça azulada.

Ah que ótimo, o busão quebrou!

— Relaxa pessoal! — disse o cobrador tentando acalmar o povo. — Tamo perto da garagem. A gente já vai pegar um carro reserva!

As portas foram abertas e os passageiros desceram tranquilamente para a noite fria. Os resmungos não passavam de encenações inconscientes. O ônibus quebrar era de praxe. Ninguém ligava de esperar alguns minutos pelo carro reserva, visto que já era uma rotina. Estavam em um trevo que levava a um dos bairros de pior fama da cidade.

Os notívagos foram se ajeitando pelo meio fio enquanto o motorista e o cobrador seguiam por uma rua escura. Augusto ficou perto de um *outdoor* ouvindo suas músicas. Atrás do *outdoor* só havia mato até onde as vistas podiam alcançar. No lado oposto do trevo haviam vários motéis baratos.

Passaram-se quinze minutos até que o motorista e o cobrador voltaram com o outro veículo. No mesmo instante, um rapaz ia entrando no meio do mato já abrindo o zíper da calça.

— Pede pra ele esperar só um minuto — gritou para um colega.

As portas traseiras do veículo foram abertas e os passageiros correram para conseguir se sentar em um bom lugar.

Augusto pôde ver o colega do rapaz no mato passando o recado para o motorista.

Esperaram por cinco minutos.

A bateria do celular havia terminado. Augusto enrolou os fones no aparelho e o guardou em seu bolso.

— Que que teu amigo tá fazendo lá, hein? — indagou o motorista impaciente.

— Não sei, ele já devia ter voltado — disse o rapaz apreensivo.

— Vai lá chamar ele. Se demorar, eu deixo os dois aí na rua!

O rapaz saiu com um ar ranzinza do carro e entrou no matagal chamando pelo nome do outro.

Todos olhavam curiosos para a mata escura.

Sem avisos, algo foi arremessado lá do meio da mata em direção as janelas do coletivo.

Automaticamente, todos se abaixaram para se proteger no instante em que o que quer que fosse estourava uma das vidraças.

Uma das garotas no fundo do ônibus soltou um grito atarrador.

Os passageiros olhavam bestificados para o que fora arremessado: uma cabeça humana.

— Minha nossa! Acelera essa joça! — gritou um velho logo atrás de Augusto que tinha a boca seca e os olhos arregalados ante aquele horror. O motorista fechou as portas e acelerou, mas o carro apagou. O interior do ônibus agora só era iluminado pelas luzes de mercúrio nos postes à beira da estrada. O silêncio só não era total devido às exclamações chorosas e atarrizadas e um estranho ruído metálico.

— Meu Deus! — disse o motorista levantando-se de chofre. — Alguma coisa está comendo o motor!

Todos se calaram ouvindo o estranho barulho que cessou de repente.

Em seguida ouviu-se uma batida no teto do ônibus.

— Tem alguma coisa lá em cima! – sussurrou alguém ao fundo constatando o óbvio.

A vidraça atrás do cobrador se estilhaçou e ele foi puxado para fora por duas enormes pinças.

O que Augusto estranhou é que ninguém dizia nada enquanto o cobrador gritava lá fora, para ele o momento pedia gritos e mais gritos, mas imaginou que todos deviam se sentir como ele, atarrizados demais para emitir qualquer som.

De cima do ônibus desceu o som de algo sendo rasgado e a lateral por onde o cobrador havia sido puxado foi banhada de sangue.

Os gritos recomeçaram.

Todos se levantaram, acotovelando-se nos degraus, tentando abrir as portas a qualquer custo, alguns tentavam pular pelas janelas, mas acabavam sendo puxados para cima como o cobrador. O barulho era ensurdecido: gritos e corpos sendo dilacerados quebravam o silêncio da noite na rua deserta. Augusto estava paralisado no meio do ônibus quando uma das coisas entrou pela janela.

A criatura parecia uma cruz de lagosta e escorpião saída de um filme B.

Nem teve tempo de se perguntar de onde aquilo viera, em apenas um salto ela se lançou sobre ele. As duas pinças cravadas em seu ombro e um enorme ferrão estocado no abdome lhe tiraram a consciência em uma fração de segundo.

Manhã seguinte

Dois pontos à frente de onde ocorrera o incidente durante a madrugada, um senhor de meia idade acabava de se levantar deixando o jornal que estava lendo no banco. Se encaminhava para uma multidão perto do trevo dos motéis com o objetivo de comprovar se a notícia que acabara de ler era verdadeira.

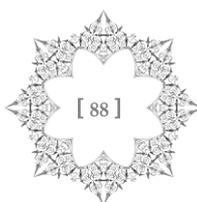
Mistério Macabro!

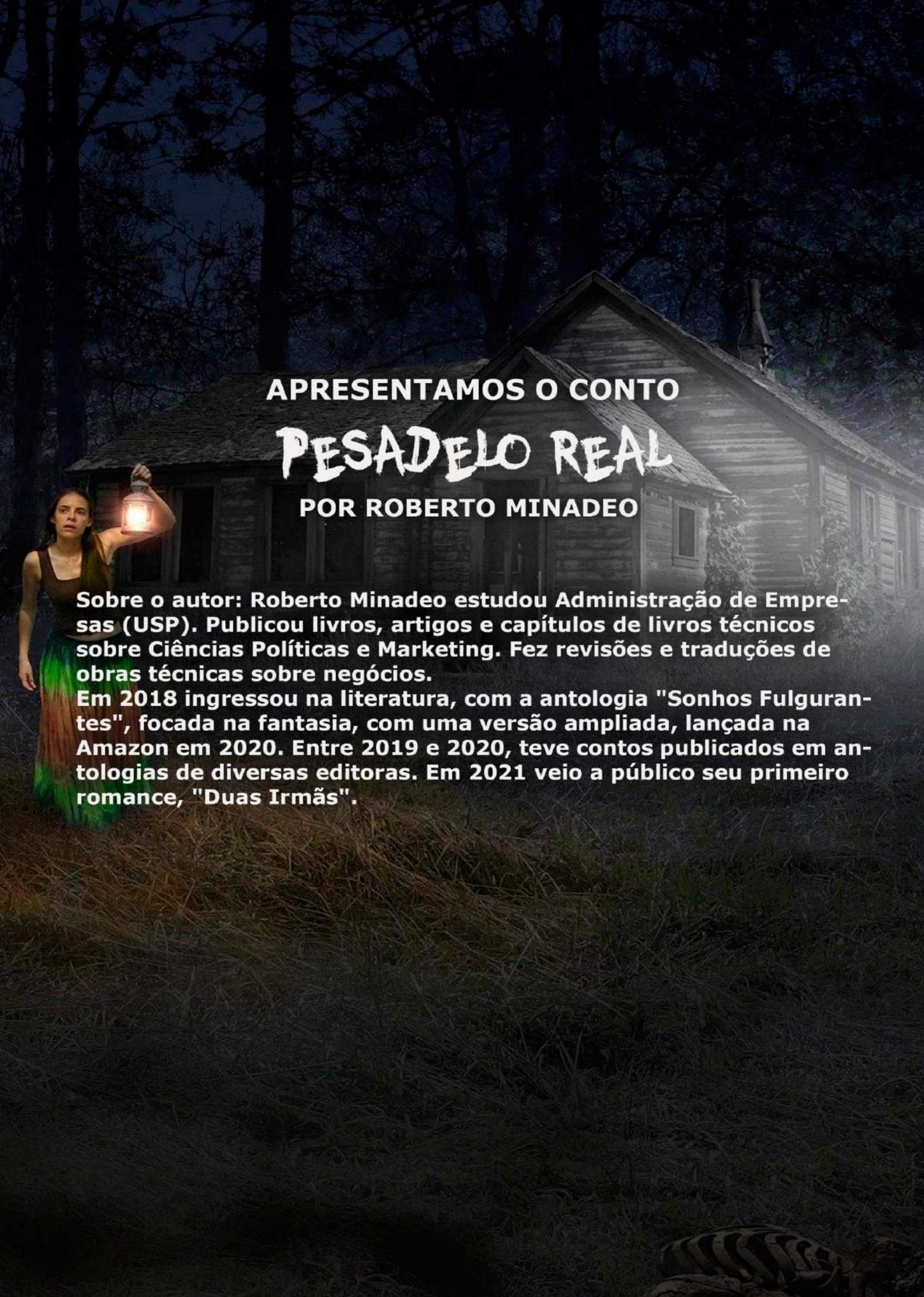
“Nessa madrugada a polícia militar foi acionada por um motorista da companhia de transportes urbanos VilaTrans que informou ter encontrado dois ônibus quebrados no trevo que liga os bairros Imperial e Costa Verde. João Miguel voltava de uma festa quando se deparou com os dois veículos. Teria seguido seu curso normal se não parasse para verificar todo aquele óleo na pista.

Para sua surpresa, o líquido que cobria a rua era sangue. Assustado, o motorista entrou em contato com as autoridades que não encontraram nada nos coletivos a não ser os pertences de 43 vítimas. A busca pelos desaparecidos continua, a população pede por respostas à tamanha barbárie.

O Coronel Joaquim Siqueira se encarregou pessoalmente do caso e nos manterá informados de novas descobertas”

[Extraído do Diário de Vila Magnólia, 12/01/2020].



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful skirt, stands in a field of tall grass at night. She holds a glowing lantern in her right hand. In the background, a rustic wooden cabin is visible, partially obscured by the dark silhouettes of trees. The scene is dimly lit, with the primary light source being the lantern and some ambient light from the cabin.

APRESENTAMOS O CONTO

PESADELO REAL

POR ROBERTO MINADEO

Sobre o autor: Roberto Minadeo estudou Administração de Empresas (USP). Publicou livros, artigos e capítulos de livros técnicos sobre Ciências Políticas e Marketing. Fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios.

Em 2018 ingressou na literatura, com a antologia "Sonhos Fulgurantes", focada na fantasia, com uma versão ampliada, lançada na Amazon em 2020. Entre 2019 e 2020, teve contos publicados em antologias de diversas editoras. Em 2021 veio a público seu primeiro romance, "Duas Irmãs".

Vindo de São Paulo, Heraldo passou por uma conexão em Brasília que atrasou e o fez chegar a São Luiz à uma da madrugada. Foi ao hotel, em uma região afastada. Recebeu a informação de que não havia quarto disponível, sério transtorno, dadas as circunstâncias.

Heraldo insistiu, brandindo os e-mails trocados com o estabelecimento. Diante dos argumentos, o atendente de plantão indicou uma alternativa: o quarto de serviço, nos fundos do subsolo. Apresentado ao espaço, a Heraldo não restou senão conformar-se, pois em sua imaginação já forjara o pior panorama possível para a madrugada que se iniciava. O atendente fez questão de frisar que o espaço dispunha de um banheiro exclusivo.

Heraldo se formara em Medicina três anos antes, e estava em São Luiz para um congresso em psiquiatria, especialidade na qual fazia a residência. Fechou a porta do quarto, espalhou suas coisas sobre a cama e foi tomar um banho.

Nem o quarto nem o seu banheiro anexo eram destinados a hóspedes, mas ao descanso dos colaboradores do hotel que trabalhavam em turnos com horários complicados e não podiam se dar ao luxo de voltar para descansar em casa. Não cabia exigir luxos. Heraldo aceitara isso de forma implícita ao se hospedar ali, sem ter sido sequer registrado no hotel e sem ter perguntado pelo valor que lhe seria cobrado.

A cidade estava tórrida: em novembro, o ápice do verão se avizinhava. Então, a janela do quarto ficou aberta. Era basculante, de ferro, no ponto mais alto do quarto, com cerca de meio metro de altura e bastante comprida. Preferiu tal solução, pois evitava o ar condicionado, que o deixava com a garganta seca. Apenas ao entrar no banheiro contíguo reparou que era minúsculo: em menos de um metro quadrado havia um vaso sanitário à direita, o chuveiro à esquerda e o armário com o vidro para se barbear ao centro.

Ele era alto, com um metro e oitenta e cinco. Até brincou ao adentrar-se no recinto, esticando os braços, com os quais abarcou as quatro paredes do minúsculo espaço disponível. Ao levantá-los, o teto também estava ao seu alcance. Para tomar uma ducha rápida, deixou aberta a porta do banheiro.

Ao início do banho, porém, a porta, que se abria para fora, devido à limitação do espaço, recebeu uma rajada de vento, pois a janela do quarto estava aberta. Com o movimento, a porta se trancou.

O que ninguém esperaria: o forte estrépito da porta do banheiro assustou Heraldo, que fez um movimento brusco de seus braços e fez cair a conexão do chuveiro – um

conjunto de fios fracamente unidos por fita isolante. Ao caírem, os fios cruzaram a água e provocaram um pequeno curto circuito, que levou ao desligamento da luz.

Heraldo deveria agradecer o fato de que os fios se cruzaram a poucos centímetros de seu corpo sem que ele tivesse recebido qualquer dano material. Porém, ele que já estava atemorizado entrou em pânico. Não apenas perdeu a água quente, como passou a receber uma ducha de água fria. Jamais vivenciara uma situação dessas: descobriu-se portador de claustrofobia, ao estar preso em um lugar minúsculo e escuro.

A porta estava apenas trancada pelo trinco da fechadura. Todavia, o desespero se apossou de nosso médico. No escuro, molhado, nu e sob um jato de água fria, não se lembrou da direção dos dois objetos que teriam o dom de eliminar a sua sensação de desconforto: o registro do chuveiro e o trinco.

Tiritando, chutou fortemente o vaso sanitário, incorrendo em uma dor na canela direita. A água fria continuava a acossá-lo e agravou a sensação tétrica transmitida pelo escuro que o cercava. Debateu-se em todas as direções, conseguindo provocar outro curto-circuito com os fios do chuveiro.

Ao fugir dos malditos fios, agitou novamente os braços no exíguo espaço e quebrou o espelho. Sentiu dor e a impressão de que havia um sangramento em seu braço direito provocado pelos estilhaços. Cacos de vidro se espalharam, alguns o arranharam. Desespero chama desespero: tentou abrir a porta. Castigado pela água fria e pela dor dos pequenos ferimentos, Heraldo se voltou na direção da porta, pisou em cacos de vidro, ganhando dores também à planta dos pés.

Procurar em paz o trinco da fechadura saiu de seu alcance. Aplicou a força do seu ombro, o que exigiu maior apoio no chão, levando à penetração de mais pedaços de vidro nos pés e de maneira mais intensa. O trinco cedeu, a porta se abriu e ele caiu no quarto.

Teve que secar-se, limpar-se do sangue e retirar os pedaços de vidro incrustados nos pés. Tirou os cacos de vidro mais visíveis e se limpou das feridas com papel higiênico empapado em água. Terminou por volta das quatro da manhã – deixando, porém, uma fenomenal desordem no banheiro, do qual apenas fechou o registro do chuveiro.

Enregelado, fechou a janela do quarto, fonte de todos os problemas. Cobriu-se com tudo que estava disponível: dois cobertores e um edredom. Teria que estar às dez da manhã em outro hotel para se credenciar e participar do congresso. Tarefa impossível, resolveu sair da cama perto do meio dia – para o que ajustou o despertador de seu celular.

Tentou dormir, sobreveio uma noite febril, sem um descanso adequado. Suou muito, espirrou e sentiu a dor de suas feridas. Teve pesadelos, sem conseguir se recordar deles, para sua sorte. Dado que demorara a fechar a janela, uma gripe já se instalara. As feridas ainda precisavam ser medicadas. Ao sair da cama, tiritando de frio, se espantou ao ver a janela aberta.

Arrumou-se para sair, já dando por perdida a sua participação desse dia no congresso. No balcão, resumiu os horrores da noite, pediu que o atendente fosse checar o quarto. À sua volta, Heraldo pagou pelos danos e chamou por um motorista mediante um aplicativo, para ir à farmácia mais próxima.

Foi friamente recebido. A sua versão sobre a origem dos ferimentos provocou risos. Disseram que não o atenderiam, seria preciso ir à delegacia, para fazer exame de corpo de delito. Heraldo reiterou a sua versão, e, apesar de atestar sua condição de médico, recebeu sonoras gargalhadas.

Chamou novamente um transporte pelo aplicativo. A reação de raiva que a farmácia lhe deixara cresceu: veio o mesmo condutor de poucos minutos atrás. Pensou ser uma simples coincidência. Mal-humorado, disse que fora enxotado pela farmácia com a sugestão de ir a uma delegacia, algo que estava fora de cogitação. Pediu para ir a outra farmácia próxima. Apenas agora reparou no aspecto sinistro do motorista, devido a uma cicatriz que ia do pescoço, cruzava o lado esquerdo do rosto e perpassava a testa na diagonal.

Em cinco minutos, nova farmácia enxota o pobre Heraldo, que, preocupado, resolveu ir à delegacia. Chamou novamente o aplicativo, já esperando pelo mesmo motorista, que, ao vê-lo, fez uma ironia:

— Então, doutor! Desta vez resolveu ir à delegacia?

Heraldo se conteve para não esmiolar o sinistro tratante. Dado que seus problemas não eram poucos, rosou um sim e se manteve calado. Ao chegar, ingressou em um mundo desconhecido: uma imensa fila, formada pela mais ampla gama das mazelas humanas. Ao pensar que seu tempo de espera estaria prejudicando a sua saúde, olhou ao seu redor, e constatou que o mesmo poderia ser dito de seus colegas de infortúnio.

De pé, em jejum, febril e cheio de dores, seu quadro não era invejável. Por volta das duas da tarde, desabou desmaiado. Recebeu um copo de água e foi atendido. Ao narrar sua história, o delegado estranhou a reação das farmácias. Disse que jamais ouvira isso antes; telefonou a uma farmácia próxima e a deixou de sobreaviso para tratá-lo.

Casualmente, nosso médico falou ao delegado sobre o motorista que vinha monopolizando seu aplicativo.

Ao sair da delegacia, o aplicativo indicou novamente o conhecido portador da cicatriz que o levou à farmácia indicada. Enquanto esperava, Heraldo venceu sua repugnância e pediu para o homem da cicatriz comprar um lanche, pois tivera um desmaio devido à inanição e desidratação. Sua febre já clamava por algum remédio, o que logo foi feito. Antes de começar a ter suas feridas tratadas, chegou o lanche, e nosso psiquiatra saciou-se como nunca. Começou a ser atendido por uma farmacêutica que se assustou: os cacos de vidro nos pés da vítima já se haviam adentrado em demasia.

Graças à autoridade do delegado, foi chamado um anestesista, para amenizar a dor. Foi iniciada a operação de guerra para limpar o que fosse preciso.

Heraldo começou a suar frio. Desmaiou. O anestesista atribuiu isso ao procedimento que vinha sendo levado a cabo. Nosso psiquiatra começou a bradar:

— A cicatriz! Peguem-no! Ele tem a cicatriz!

Ninguém entendeu nada, os procedimentos continuaram. Foi preciso chamar os balconistas e segurar o paciente para seguir a extração dos cacos de vidro. O crescimento da febre se deu em ritmo alucinante. Heraldo murmurava frases entrecortadas:

— ... o homem da cicatriz abriu a janela... não reconheci porque só mostrou o lado bom de seu rosto...

Pasmos, todos tentavam continuar o tratamento. Em delírio, o psiquiatra dizia:

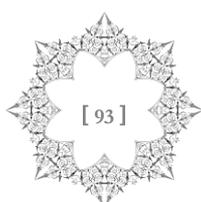
— ... prometeu acabar comigo... para se vingar...

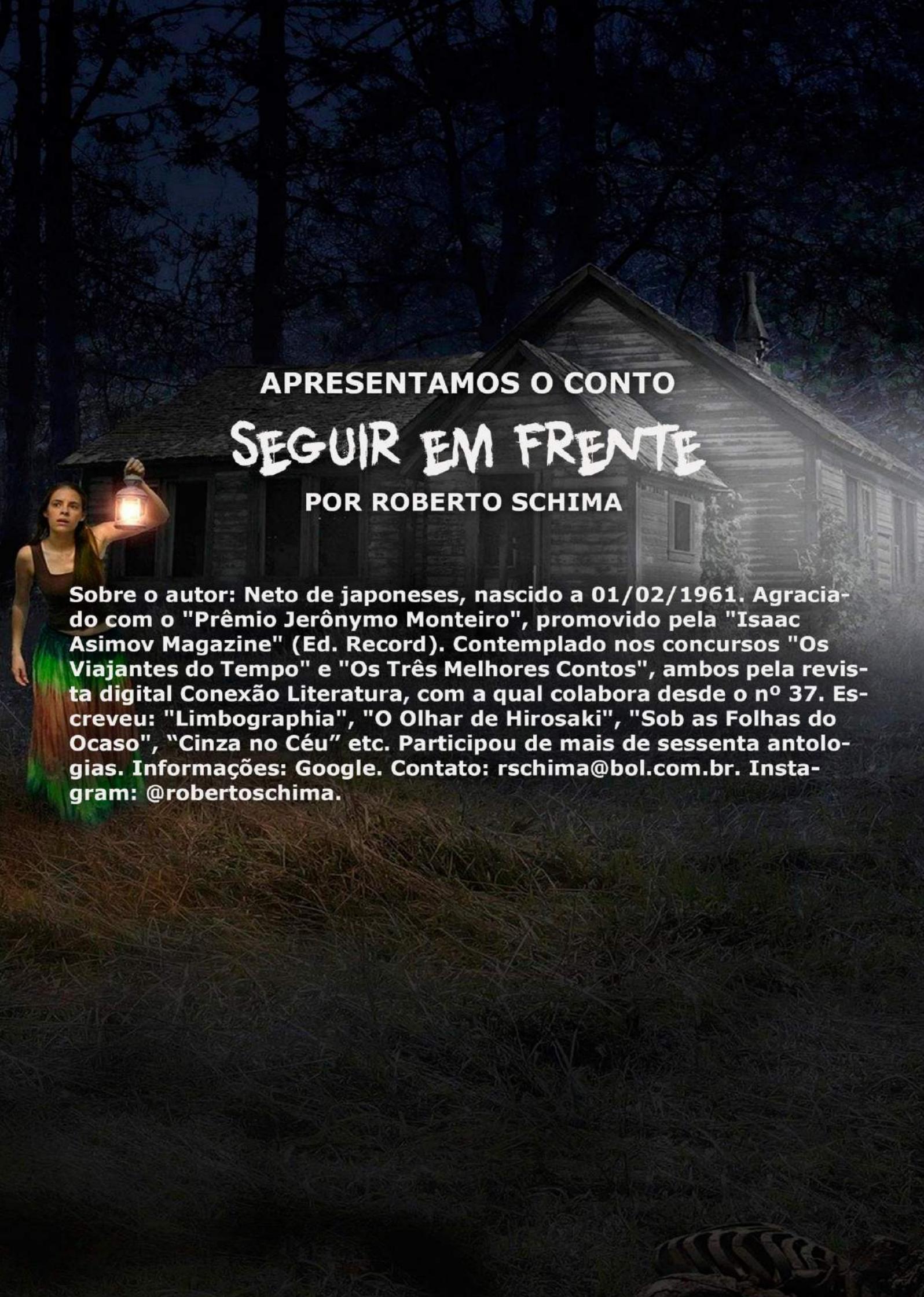
A farmacêutica tentou obter algum esclarecimento a essas frases misteriosas:

— ... haveria motivos de vingança?

— ... dizia ser psicopata... fiz o laudo que o incriminou... dizendo ser normal...

Foram suas últimas palavras. O Instituto Médico Legal confirmou morte por arsênico no lanche. Apesar das buscas do delegado, jamais se encontrou em todo o Maranhão alguém com a cicatriz descrita. O rastreamento do celular da vítima em busca do motorista suspeito tampouco trouxe resultados.



A woman with long dark hair, wearing a dark top and a long, colorful skirt, stands in a dark forest at night. She holds a glowing lantern in her right hand. In the background, a rustic wooden cabin is visible, partially obscured by the dark trees. The overall atmosphere is mysterious and eerie.

APRESENTAMOS O CONTO
SEGUIR EM FRENTE

POR ROBERTO SCHIMA

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de sessenta antologias. Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br. Instagram: [@robertoschima](https://www.instagram.com/robertoschima).

Sou o frio.
Sou neblina.
Sou umidade.

Sou a perdição.

Por entre brumas eu habito.

Isso eu jamais haverei de esquecer.

É o meu universo, minha essência, faz parte de mim... E eu sou parte delas, das brumas.

Minha constituição é tão tênue quanto a do nevoeiro nas manhãs brancas. Em mimetismo, nele desapareço, dissolvo, revoluto. Flutuo ao sabor da brisa e por vontade própria. Mas não sou plenamente livre, tampouco feliz. À névoa densa que entremeia esta medonha floresta, estou confinado por força do destino, de uma maldição, de algo maior oriundo das estrelas que eu não compreendo. Ao contrário de minha outra existência, a meu ver tão longínqua quanto um sonho, não mais necessito perseguir o alimento. A vida existe, alimentando-se do vento, da umidade, da neve, das emanações gasosas, da luz das estrelas... Eu não sei. Memórias esvairam-se como as figuras fantasmagóricas sob o oceano.

Eu sou.

Eu penso.

Mas, existo?

Tudo começou quando a bola de fogo caiu do céu estrelado e atingiu o vale. Ah, disso me recordo! O estrondo, as chamas, o vendaval, o horror, o desespero. Devastou tudo em seu caminho feito um demônio faminto. Homens estremearam. Mulheres choraram. Cães ganiram. Do solo calcinado, fruto de feitiçaria, fez nascer uma misteriosa floresta: estranha, mórbida, retorcida, de folhas negras. Um nevoeiro cinzento e assustador brotou, roubou as cores, cobriu e entremeou as árvores e os arbustos. Tudo o que era vivo e nele teve contato sublimou. Não foi morto: isso seria um descanso. Não houve paz. Tornou-se parte da neblina rastejante. Ainda vivo, porém, não mais o mesmo. Incorporado e inconstante como a respiração condensando-se à brisa boreal.

Foi terrível!

Eu sei, e como sei!

Foi o que aconteceu comigo...

Como outros de minha aldeia, fiquei intrigado com o fenômeno e fui averiguar com meu filho, afinal, era o nosso território de caça. Os céticos que não viram a bola de fogo indagaram: estariam os brancos construindo uma estrada? Era razoável. Depois que eles chegaram todo o nosso mundo desmoronou sob o efeito do álcool, das doenças, da prostituição e das mentiras.

A nova floresta era de mau agouro, isso estava claro. Não havia presas, nem som algum dentro dela, exceto do vento e do estalar abafado de galhos apodrecidos. Nossos pés afundavam no musgo e na lama, e enroscavam-se nas raízes. A bruma não nos permitia enxergar além de alguns passos. De repente, ouvimos gritos aterrorizados. Havia tanta angústia que gelou nosso sangue. Arrependi-me de ter ido e só queria retornar para a aldeia. De início, não entendi as palavras. Depois, outras vozes mais próximas e igualmente aflitas falaram:

— Estamos sumindo!

Era um caminho sem volta.

Não entendi até olhar para minhas mãos: comecei a enxergar o solo desolador através delas. Estava desaparecendo também! Meus próprios gritos não conseguiram alcançar a garganta, pois esta deixara de existir. Então, minhas roupas caíram, sem corpo a segurá-las e preenchê-las. E flutuei por entre troncos, ramos e barbas de velho até ser levado por um sopro de ar para o interior da floresta maldita. Veio-me à mente as histórias dos anciãos sobre os espíritos da neve. Alguns acreditavam ser aqueles que se perdiam durante a nevasca e jamais retornavam. Teria me tornando um deles? Mas, e a nevasca?

Perdi minha humanidade e parte significativa das memórias.

Em meio aos sonhos, apenas flutuo, anseio, suspiro.

Sou o nevoeiro que permeia essa floresta.

Por entre brumas eu habito.

Mas, existo?

Repentinamente.

Eis que vejo de longe chegar.

Não sabe que, aqui, o infortúnio fez morada?

Surge do leste, do mundo ao qual um dia fiz parte e nele fui feliz.

Sim, não há dúvida: é um ser humano! Caminha com dificuldade sobe a neve fofa.
Humano...

Sim, já fui humano. Há quanto tempo? Tempo... que significado isso tem para mim? Várias recordações se perderam no etéreo de meu ser. Recordo a periferia, mas o cerne se perdeu. Já fui preso a um corpo de carne e ossos que a todos os lugares me levava, percorri as planícies nevadas, as montanhas, os oceanos congelados, as florestas de coníferas, entre *icebergs* atrás de baleias, salmão, focas e lebres.

Inuk.

Fui homem.

Preso a um corpo.

Mas também corria livre.

Em meio a essa contradição, observo aquela silhueta minúscula tornar-se cada vez maior. Tolo! Pode ir a qualquer lugar. Não venha até aqui! Tornar-se-á um de nós: um espectro, um desgraçado, uma alma errante e sem direito a seguir a jornada até *Quidlivun* através das Luzes do Norte. Porque, por mais diáfana que seja a minha composição, estou encarcerado nesta floresta onde espíritos malignos habitam, sonhos são fugazes e o pesadelo permanece. Posso aventurar-me a alguma distância, porém, a fraqueza apodera-se de minha essência e sou forçado a retornar. Ainda não criei coragem para seguir em frente ao desconhecido.

O que aquela figura vem fazer aqui? Não é possível que não tenha escutado falar dos fantasmas! Será louco? Quer se transformar em um de nós e tornar-se uma mera sombra a assombrar aqueles que sombras possuem? Vá embora!

O vento agita as folhas negras e elas caem em redemoinhos.

Barbas de velho balançam dos galhos, rebeldes.

Forma-se uma tensão no ar do redor.

Nevoeiros se condensam.

Ameaçadores.

Não foi somente eu quem avistou a possível presa.

Os *tuurngaqs* também. Eles são maus. Vieram dentro da bola de fogo do céu. Destruíram a caça da região. Trouxeram a sombra da tristeza até nós. Fizeram de nós o que somos. São a bruma que primeiro surgiu do solo lamacento na floresta recém-nascida. Não há como detê-los. Somos somente frágeis espíritos inferiores, cirros perante nuvens de tempestade.

A figura continua a caminhar em nossa direção. Agora, sua silhueta é maior. Consigo ver que se trata de uma mulher pela forma que anda, a balançar os quadris. Está cabisbaixa, atenta àquilo que carrega em seus braços, junto ao corpo.

De repente, uma espécie de alarme soa dentro de mim. Torno-me mais inquieto e cinzento. Um relâmpago parece me atravessar. Então, a compreensão atinge-me a consciência. E me desespero.

É ela, Taktuq!

A mulher *inuit* traz um bebê em seu colo. Seu corpo treme e não é tanto pelo vento ártico que varre as montanhas e vales desde as planícies geladas do Grande Norte. É medo, ansiedade e apreensão. Ela está perfeitamente ciente dos riscos desmedidos que está correndo.

Foi advertida por seus pais, outros membros do clã e até pelo xamã da aldeia. Porém, insistiu. Era seu dever. Precisava ser feito ou jamais o espírito do marido encontraria paz na morte, assim como o dela em vida. No final, assentiram com brilho no olhar, crenças de que jamais voltariam a vê-la ou à criança.

Agora, caminha até a fronteira da floresta. Flocos de neve vertem do céu e caem sobre sua cabeça coberta pelo capuz da *parka* e seus ombros. Por fim, para a cerca de cinco metros das árvores sinistras. Os olhos amendoados e amedrontados percorrem a extensão da floresta até onde podem alcançar. Hesitante, ela chama:

— Amaruq! Amaruq! Oh, Amaruq!

Só o vento sopra em resposta, fazendo a folhagem farfalhar. A chuva negra cai, maculando a neve aos pés de Taktuq.

Ela insiste:

— Amaruq, eu trouxe nosso novo filho para você conhecer. Apresento-o a você, meu marido, para que possamos, enfim, dizer adeus um ao outro. Liberto seu espírito; e você, o meu.

Ela afasta um pouco a pelagem de urso polar do rosto do bebê e ergue-o alto em direção à floresta.

— É nosso novo filho, Aqillutaq — neve nova —, oh, grande lobo cinzento!

O vento sopra mais forte.

Por entre os troncos enrugados, a bruma em diferentes matizes agita-se.

— Amaruq... — murmura a mulher, cansada. — Meu amor.

Pensa no pretendente que a aguarda na aldeia. Homem robusto, meio preguiçoso, mas de bom coração. Não se compara a Amaruq, contudo, ela não está em condições de ser exigente, ainda mais com um bebê. Será um pai razoável para o pequeno Aqillutaq e, provavelmente, fará brotar novos filhos de dentro dela.

Por ora, encontra-se aqui, no destino final de seu amado marido. Veio mostrar o filho que ainda carregava em seu ventre quanto Amaruq e o primogênito partiram. Veio se despedir, deixar escorrer as últimas lágrimas por ambos, colocar um bloco de gelo sobre o passado e seguir em frente. Todavia, reluta em dizer adeus. Uma parte de si deseja penetrar na floresta e lá permanecer para sempre.

Porém, então, o que seria de Aqillutaq?

Trouxe o vento ártico para dentro do peito.

"Amaruq?"

Sim, sim... SIM!

É este o meu nome.

As lembranças retornam.

Quão dolorosas podem ser!

Amaruq, Amaruq... Eu, Amaruq!

Meu nome significa lobo cinzento e foi escolhido por meu pai.

E ela é Taktuq, minha esposa, nome que carrega dentro de si uma amarga ironia, pois quer dizer "névoa". Oh, Taktuq! Quem de nós dois tornou-se nevoeiro? Estou aqui, contudo, não me consegue ver.

Nosso filho, Aqillutaq... Que belo nome! Cubra-o novamente, minha amada. As bochechas dele estão avermelhadas de frio. Isso, cubra-o. Ele é muito belo. Tem seu nariz e sua boca. Menino de sorte! Minha alegria infinita só é sobrepujada pela melancolia, por saber que não posso mais ser seu companheiro, nem cuidar de você e do pequeno Aqillutaq. Quisera poder fazê-la saber que não estou morto, Taktuq. Nem eu e nem nosso filho mais velho que cá se encontra. Ugalik, venha cá! Está vendo? É sua mãe. Sim, sua mãe, lembra-se dela? Oh, maldito seja o dia em que viemos investigar A Floresta das

Almas Perdidas! Sim, sim, eu sei... Eu também gostaria de abraçá-la. Mas é melhor assim, só traria mais sofrimento para ela. Ela deve partir e seguir seu caminho.

Mas...

... O quê?

Essa agitação...

O que está acontecendo?

Veja, Ugalik, veja! Os *tuurngaqs* agitam seus filamentos, querem arrebatá-lo e o pequeno Aqillutaq, seu irmão. Não podemos permitir. Vamos, vamos, precisamos impedi-los. Irmãos *inuit* sublimados, ajudem-nos! Eu imploro. Não deixem os espíritos malignos transformarem minha esposa e meu filho em bruma! Salvem-nos! Vamos, Ugalik... AGORA!

Subitamente, as árvores da borda da floresta se agitam.

Rajadas de vento partem de todas as direções.

Milhares de folhas negras rodopiam.

A neve se sente perdida.

A névoa gira.

A mulher traz o filho novamente para seu peito e recua, assustada. Temendo que seja o prenúncio de tormenta, ela vai embora em direção à aldeia. Não sem antes gritar enfim:

— Adeus, Amaruq! Adeus, Ugalik! Adeus...

O vento uiva tristonho em diferentes frequências. Notas exasperadas e melancólicas que a mulher jamais esquecerá:

"Adeus, minha amada, adeus!"

"Adeus, mamãe!"

Os sublimados entremeiam seus filamentos etéreos ao redor e por entre as névoas alienígenas. Não imaginavam que tal seria possível. Mas, por algum milagre — ou obra dos deuses *inuit* do Grande Norte —, a bruma malévola não consegue capturar a mulher e o bebê.

Vencida essa batalha, os nevoeiros que um dia se chamaram Amaruq e Ugalik observam a silhueta tornar-se cada vez menor e menor até desaparecer. Agora,

compreendem que não são totalmente inertes perante o mal que os aprisiona. Mas também aprenderam que, a exemplo de Taktuq, eles têm que virar a página e, a seu modo e por livre escolha, seguir em frente.

A floresta retornou a sua calma dos mortos.

A Longa Noite se aproxima e, com ela, a infinitude das estrelas.

Consigo me comunicar com meus irmãos da bruma. Nosso sucesso em relação à oposição aos *tuurngaqs* teve o efeito de uma verdadeira revelação. Vamos nos libertar. Haveremos de encontrar um meio de encontrar o caminho que nos leve às Luzes do Norte e o nosso lugar no paraíso, *Quidlivun*, onde nossas presas são abundantes, a carne de foca é farta, não faltam risos e cantorias. E sempre recordaremos o nosso lugar no mundo. Como sempre trarei a névoa de minha vida, Taktuq, e a neve nova, Aqillutaq, dentro de meu coração.

Isso eu jamais haverei de esquecer.

Por entre brumas eu habito.

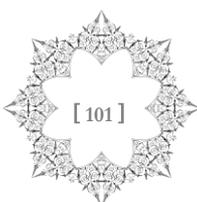
Sou a perdição.

Sou umidade.

Sou neblina.

Sou o frio.

Existo!



A woman with long dark hair, wearing a dark sleeveless top and a long, multi-colored skirt (green, orange, and red), stands in a dark, wooded area at night. She is holding a glowing lantern in her right hand. In the background, there is a rustic wooden cabin with a gabled roof and a chimney. The scene is dimly lit, with the lantern providing the primary light source.

APRESENTAMOS O CONTO

CAÇA E CARCAÇA

POR TATIANA ARAÚJO

Sobre a autora: Pernambucana do lote de 1996, Tatiana Araújo gosta de escrever sobre limites e o que acontece quando eles são atravessados, relações turbulentas e pessoas por quem ninguém colocaria a mão no fogo. Indicada em duas categorias ao Prêmio Off FLIP 2021, Tatiana publica suas histórias de forma independente e como parte de antologias.

Os demônios imploraram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. Ele lhes deu permissão, e os espíritos imundos saíram e entraram nos porcos. A manada de cerca de dois mil porcos atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e nele se afogou.

Marcos 5:12-13

Samuel Lobo era um homem de gostos simples. Não sonhava em ser rico, como parte dos seus colegas ou com as mulheres que via na TV. Era um homem que cumpria a sua função com muito sangue nas mãos e uma barriga cheia.

Lobo levantou e abaixou a marreta. O porco guinchou e caiu para a frente com os joelhos dobrados. Eram animais com crânios duros e nunca morriam com a pancada, o que era meio nauseante de assistir. Lobo não gostava de sofrimento, apenas fazia o seu trabalho o mais rápido possível. Sem enrolar, o matador posicionou o facão na garganta do animal e começou a sangrá-lo. O guincho do porco foi morrendo, assim como as suas patadas no ar e Lobo respirou aliviado. Em casa, jantaria um bom pedaço de bacon e algumas salsichas em homenagem ao animal. A morbidez do pensamento lhe arrancou uma risada. Não gostava de sofrimento, mas ter um senso de humor questionável era essencial para aquele trabalho. Os mais sensíveis nunca conseguiam ir longe no matadouro.

— Sandra! — Gritou, batendo na portinha de madeira que dividia a sala de abate , feita de concreto, da sala de limpeza, feita de cerâmica, onde Sandra e outras duas mulheres, Viviane e Danusa, arrancavam e limpavam dos porcos o sangue e as vísceras.

— Ela foi no banheiro. — Viviane disse, abrindo a portinha. Lobo arrastou a última carcaça do dia para o meio dos azulejos brancos. — Só tem esse?

— Por hoje só, graças à Deus. — Lobo não era mais um homem de fé há muitos anos, mas Viviane carregava um escapulário no pescoço e ele se pegava, muitas vezes, pensando nela usando apenas o colar. Não sabia mais nada da moça de rosto redondo e cabelo pintado de loiro além de que era religiosa, então valia a pena tentar. Ela fez uma cara triste para o porco.

— Pobre coitado. Maldição, né.

— Maldição?

— É, minha mãe que disse uma vez, por causa daquela vez em que Jesus mandou os demônios entrarem nos porcos. Depois disso, esse bicho só viveu na sujeira, sempre feito de caça e de carcaça. — Lobo duvidava muito daquilo, mas só assentiu com ar de quem estava impressionado.

O telefone tocou. Lobo limpou a mão na barra do avental e correu para atender.

— Diga.

— Lobo, acharam os três porcos que fugiram na estrada. — Era Tenório, o responsável pela contagem dos porcos e dos funcionários. — Estavam vagando na estrada, lá pro lado da capital.

— Tiveram sorte até deixar de ter. — Lobo chegara a torcer um pouco pelos animais ao ouvir pela manhã a notícia da fuga da boca desesperada de Tenório. O caminhão parara num pedágio e três porcos tinham pulado sem que eles percebessem até a contagem não bater.

— De qualquer forma, eles são da conta de hoje. Estão chegando por aí, mas a gente tem que terminar. Fica mais um pouco e depois está liberado. Já chegam aí.

Lobo desligou, resmungando. Aguardou do lado de fora do matadouro. A caminhonete chegou com os bichos na caçamba. A *La Vinna* instalara o matadouro numa fazenda antiga, reformada para aquilo. O terreno tinha ainda um velho celeiro, onde os restos dos porcos eram incinerados num forno de pedra construído de forma improvisada. O cheiro que subia pela chaminé era pavoroso de tão podre. O dono da empresa havia comprado, há uma semana, um incinerador novo, de metal e de alta qualidade. Lobo torcia para que aquele tivesse algum tipo de filtro na chaminé.

Saci, o motorista da caminhonete, o ajudou a arrastar os porcos para dentro. A equipe já estava fechando o celeiro, batendo o cadeado na corrente. Olhando de longe, Lobo os invejou.

— Nossa Senhora, tem mais? — Sandra perguntou ao vê-lo empurrar os animais para um canto com a marreta na mão. Era uma mulher forte, com o rosto envelhecido e os cabelos curtos. — É hoje que a gente sai daqui...

Lobo alinhou os porcos em fila para matá-los.

— Esses aí são esquisitos, né? — Viviane comentou.

— São? — Lobo afrouxou o aperto na marreta.

— Não guincham nem nada. Olha a frieza na cara deles. — Ela apontou. — Não têm medo, feito os outros. Eles devem estar é com raiva por terem sido pegos.

Os três porcos encaravam Lobo sem fazer um único movimento. Aquilo começou a incomodá-lo. Angustiado, o matador ergueu a marreta para atingir o animal, mas nunca chegou a acertá-los. Os três porcos dispararam na direção da porta, esbarrando nas suas pernas no caminho e fazendo-o derrubar a ferramenta.

— Endemoniados! — Gritou, apanhando a marreta e correndo atrás deles, que já haviam estourado a porta. Lobo disparou com a ferramenta no ombro, arfando. Só queria ir para casa tomar um banho e comer e agora, além das horas extras que já teria, ainda tinha que perseguir aqueles bichos pelo terreno. Era uma noite para transformá-lo num homem cruel.

Os três correram na direção do celeiro e atiraram-se contra a porta. Lobo assistiu, espantado, à enorme corrente se romper. Os bichos entraram, um quase passando por cima do outro. Eram fortes. Fortes *demais*.

Tomado por uma nova onda de ódio, o matador de porcos deu a volta no celeiro. Se os animais corressem até a incineradora nova, que era automática, virariam churrasco antes que fossem, propriamente, carne para consumo, e isso sairia do seu salário. Era um encerramento que ele não queria para aquela noite. Por sorte, a incineradora antiga ficava mais perto da porta do que a nova e ele poderia alcançar os bichos se fosse rápido.

Lobo bateu as portas do celeiro e fechou-as passando uma enxada pesada que descansava ao lado da parede pelos puxadores. Dali os bichos não saíam. Em seguida, empilhou cuidadosamente três dos montes de feno que haviam sido jogados pelo terreno depois da limpeza do celeiro. Cuidadosamente, Lobo equilibrou-se e chegou até o telhado. Sentia o corpo vibrar, empurrando-o cada vez mais para o fim daquela aventura. Lobo caminhou até alcançar a chaminé antiga, tapada com tábuas para que os ratos não entrassem. Com algumas marretadas quebrou a madeira, que caiu chaminé abaixo pela escuridão.

A escuridão ali era boa, percebeu. Significava que não havia fogo. Lobo prendeu a marreta no cinto e, apoiando-se nos tijolos da chaminé, começou a descer por ela. As paredes eram escorregadias, mas os tijolos irregulares o ajudavam a se mover por elas como se descesse uma escada. Começou a contar os passos para calcular a distância do chão. Estava no número vinte e cinco quando pisou numa pedra solta e escorregou.

Na queda, tentou segurar-se em outras pedras, mas só conseguiu esfolar os dedos. Caiu batendo nas paredes, puxado pelo peso da marreta que o desequilibrava. Olhava para baixo quando viu a escuridão se afastar e a luz laranja se espalhar para cima. O fogo iluminou o movimento do porco quando o animal saiu de cima dele e estava pronto para receber Lobo quando o homem atingiu o chão.

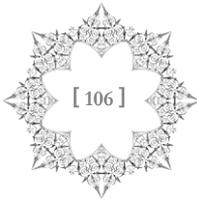
De início, não sentiu a dor das queimaduras, pois os ossos partidos nas pernas latejavam mais do que a pele que assava. Apenas quando o cheiro de carne queimada subiu, Lobo sentiu o calor que envolvia as suas roupas. As labaredas cresciam monstruosamente e já engoliam seu rosto e pescoço. Lobo se debateu e tentou se arrastar para fora da plataforma da antiga incineradora, mas dozes patinhas cascudas apareceram na sua linha de visão para mantê-lo no lugar.

Os porcos entraram no fogo e deitaram-se sobre o seu corpo. Um nas pernas quebradas, um na barriga e o último em um dos braços. Continuavam silenciosos enquanto Lobo chorava, se debatia e berrava contra o fogo que o engolia. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo. *Ninguém* mais ligava o fogo naquela plataforma de concreto. Ninguém humano, pelo menos.

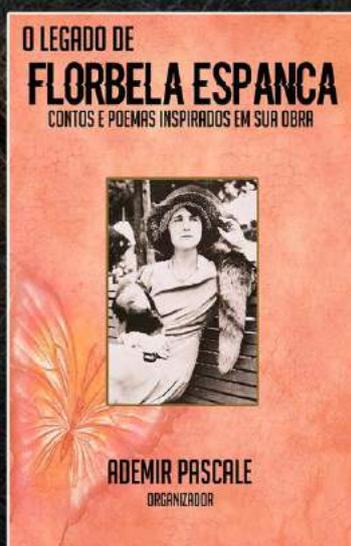
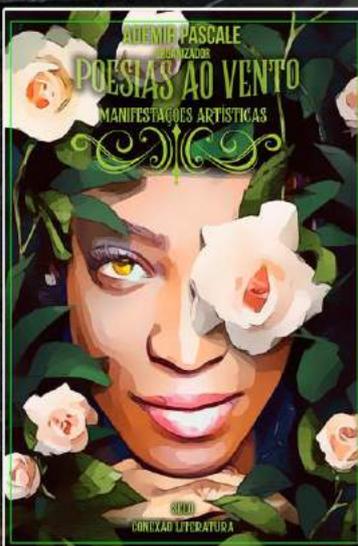
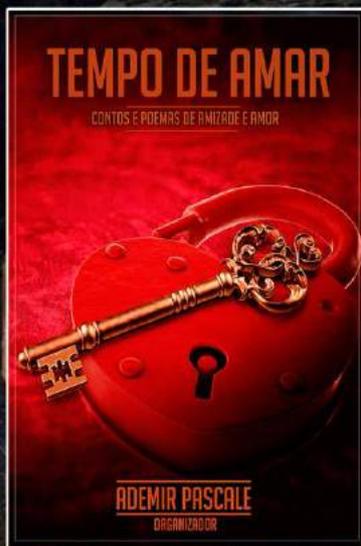
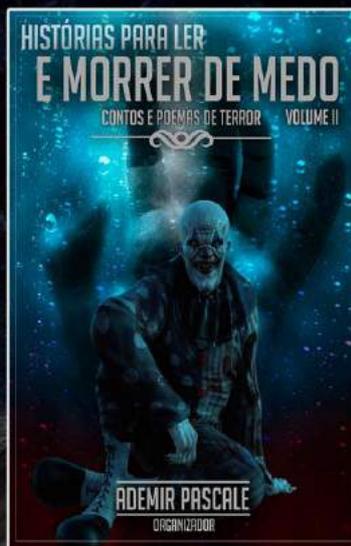
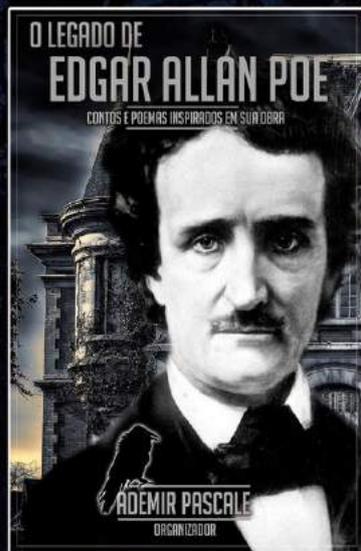
Cansado de lutar, Lobo estremeceu vendo os olhos que os encaravam. Podia ser efeito das chamas, *tinha* que ser, caso contrário, algo muito errado estaria por trás dos olhos vermelhos dos animais. O fogo se apagou e os três levantaram-se ao mesmo tempo, cheirando a carne queimada de Lobo. Ele sentiu as primeiras mordidas e depois mais nada. Lembrou-se das palavras de Viviane: amaldiçoados. Aquilo explicava todo o resto, desde a força dos bichos até o fogo.

Lobo estava acostumado a matar porcos há tanto tempo que não se lembrava como começara. Já os três porcos estavam acostumados a matar lobos há mais tempo ainda, e sabiam como se proteger numa boa casa de concreto.

Era uma dívida velha. De outros mundos.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI